

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA

David da Silva Cordeiro

“E Eru viu que era bom”

Análise teológica do livro O Silmarillion de J.R.R. Tolkien.

SÃO PAULO

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA

David da Silva Cordeiro

“E Ilúvatar viu que era bom”

Análise teológica do livro *O Silmarillion* de J.R.R. Tolkien.

Trabalho de conclusão do Curso de Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com orientação do Professor Doutor Antônio Manzatto.

SÃO PAULO

2017

DAVID

“E ILÚVATAR VIU QUE ERA BOM”

Relatório final, apresentado à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Teologia.

São Paulo, 11 de Agosto de 2017

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Dr.. Antônio Manzatto

Avaliador:

Dedico esse trabalho à minha esposa
que sempre está ao meu lado,
seja em Westeros, Gotham, Nárnia
ou na Terra-média.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço à minha família pelo apoio, sem o qual eu jamais teria prosseguido no curso e aos meus colegas de sala pelas conversas, debates, amizade e momentos de alegria, de maneira especial ao Bruno, Luiz e Welton pelos nossos debates teológicos sempre acalorados. Agradeço ao Prof. Dr. Alex Villas Boas por ter me ajudado com o trabalho no início e ao Prof. Dr. Antônio Manzatto por depois me acolher como orientando e por toda a paciência dispensada. Agradeço finalmente a Prof.^a Dra. Maria Freire da Silva pelo seu terno incentivo.

RESUMO:

Este trabalho visa apresentar os elementos da obra de J.R.R Tolkien, intitulada de *O Silmarillion*, que se aproximem da Teologia cristã e a partir deles fazer uma análise teológica do livro. Tal obra discorre sobre a criação e desenvolvimento do mundo imaginário inventado por Tolkien, no qual se desenrolam os eventos de todo o *legendarium* (conjunto dos livros *O Silmarillion*, *O Hobbit*, *O Senhor dos Anéis*), também aborda a temática do Mal e da atividade de Deus contra o Mal. Este trabalho se justifica pelo esforço que atualmente se faz para aproximar a Teologia e a Literatura e pelo fato de que a literatura tolkiniana é uma das mais abrangentes ainda hoje, possuindo diversos apreciadores, principalmente entre os mais jovens. Além disso, deve se considerar que a Literatura, seja ela de qual gênero for, é uma expressão da humanidade e, portanto, pode ser analisada teologicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia e Literatura; Literatura Fantástica; Deus e Criação; J.R.R. Tolkien.

ABSTRACT:

This assignment aims to present the elements of the work of J. R. R Tolkien, titled the Silmarillion, anywhere near the Christian theology and from them to make a theological analysis of the book. Such work discusses the creation and development of the imaginary world invented by Tolkien, in which all events are the Silmarillion *legendarium* (set of books *the Silmarillion, the Hobbit, the Lord of the rings*), also addresses the topic of Evil and God versus Evil activity. This work is justified by the effort that currently does approximate the Theology and literature and by the fact that the tolkinian literature is one of the most comprehensive yet today, with several fans, especially among the young. Moreover, it should be considered that the Literature, of which gender is, it's an expression of humanity and, therefore, might be parsed theologically.

KEYWORDS: Theology and Literature; Fantastic Literature; God and Creation; J.R.R. Tolkien.

Sumário

Introdução.....	8
Capítulo I: A Vida de Tolkien – Influências, Motivações e Contexto	10
Capítulo II: Uma análise de “O Silmarillion”.	33
1. Tolkien cria uma mitologia dentro de uma mitologia.....	33
2. O SILMARILLION	34
2.1 AINUNLINDALË.....	34
2.3 VALAQUENTA:	36
2.4 QUENTA SILMARILLION:.....	37
2.5 AKALLABËTH.....	43
2.6 DOS ANÉIS DO PODER E DA TERCEIRA ERA	44
3. A MITOLOGIA DE TOLKIEN	45
3.1 Construção e influências	45
3.2 Mito e Tradição Religiosa.....	48
3.3 Mito e a Teologia veterotestamentária	51
3.4 A linguagem mítica e o Cristianismo.....	54
3-Capítulo III- A Teologia n’O Silmarillion	56
Análise sobre o conceito de Criação no livro de Tolkien	56
1. Deus em <i>O Silmarillion</i>	56
2. A Criação de Ilúvatar	62
3. O problema do Mal	71
3.1 A questão do Mal como oposto à ordem da Criação	71
4. A Salvação da Terra-média.....	75
4.1 Existe o conceito soteriológico n’O Silmarillion?	75
Conclusão:	81
Bibliografia.....	83

Introdução

O presente trabalho se propõe a fazer uma análise teológica da obra do autor britânico J.R.R. Tolkien, intitulada *O Silmarillion*. Tal livro é aquele ao qual Tolkien mais dispôs tempo, surgiu ainda na época em que combatia na Primeira Guerra Mundial e foi crescendo, sendo revisado e reformulado com o passar dos anos. É nele que o autor introduz o seu mundo imaginário e é com ele que se inicia o conjunto de sua obra principal, a qual ele chama de *legendarium*.

Essa pretensa análise se sustenta nas atuais tentativas de aproximação entre Teologia e Literatura. Esses dois campos, Teologia e Literatura, são campos diferenciados, mas “comungam de um mesmo *objeto* de análise, a saber, o antropológico”¹, é partindo desse mesmo objeto que um estreitamento entre as duas áreas torna-se possível e pertinente. Sendo uma arte a Literatura é capaz de revelar algo do ser humano, seus anseios, seus conflitos, suas angústias e suas alegrias, dessa forma a Teologia pode dela se aproximar, pois se a ciência teológica é uma reflexão sobre Deus para isso ela parte das realidades e experiências humanas.

É possível que a ligação entre Teologia e Literatura já no processo de criação da obra seja estreita. “A afirmação do sagrado, a presença do mistério e de comportamentos que a isso se relacionam formam um universo que pode estar presente em obras literárias”². Esse é o caso de *O Silmarillion*. Com efeito, apesar de Tolkien não se dispor a escrever uma alegoria explícita, ele professava e estava inserido no cristianismo. Muitos temas da tradição e da teologia cristãs estão presentes em sua obra.

Algo que é preciso observar é que a literatura tolkiniana é de um gênero bastante específico: o gênero fantástico. Há alguns estudos que apontam como esse tipo de literatura pode influenciar no desenvolvimento de seus leitores, principalmente se esses forem crianças e jovens, tal desenvolvimento se dá quando o leitor é transportado para o mundo fantástico e

¹ BOAS, Alex Villas. **Teologia e poesia**: a busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico. Sorocaba: Create, 2011, p.14.

² MANZATTO, Antônio. **Pequeno panorama de teologia e literatura**. In: MARIANI, Ceci Baptista; VILHENA, Maria Angela (Orgs.). **Teologia e Arte**: expressões de transcendência, caminhos de renovação. São Paulo: Paulinas, 2011, p 91.

de lá não volta sendo mesmo, mas de algum modo é transformado³. Levando isso em conta e aquilo que foi exposto acima é possível que ao ser transportado para o interior de *O Silmarillion* o leitor tenha contanto com os temas teológicos e cristãos que permeiam a obra e por eles seja afetado. Tendo tudo isso em vista é que o presente trabalho tentará analisar os possíveis elementos teológicos d'*O Silmarillion*.

No primeiro capítulo se apresentará uma breve biografia do autor, na qual se observará o contexto social, histórico, acadêmico, familiar e religioso no qual Tolkien estava inserido e o qual influenciou seus livros. Tal secção é pertinente, pois se deve considerar que toda Literatura é fruto de um ambiente e de influências externas que afetam e moldam o autor que a produz. De fato, será possível verificar que alguns fatores da vida de Tolkien foram decisivos em alguns temas presentes, não só n'*O Silmarillion*, mas em todo o *legendarium*

Por sua vez o segundo capítulo traz uma síntese da obra estudada, na qual se abordam alguns elementos, os quais serão relevantes e que se desdobrarão mais especificamente na análise almejada. Nele ainda se apontará para uma possível aproximação entre o livro e a Teologia cristã intermediada pelo tema do discurso mítico.

Finalmente no terceiro capítulo se desdobrarão os temas levantados nos capítulos anteriores. Abordar-se-ão os temas de Deus e Criação, a problemática do Mal inserida na Criação e o tema da Salvação em *O Silmarillion*. Para ajudar na análise haverá a mediação principal das Sagradas Escrituras, mas também de algumas obras de Santo Agostinho e de outros teólogos.

³ FRITSCH, Valter Henrique. **Atravessando limiares**: simbologia de passagem no romance de fantasia. Recorte, Três Corações, v.11, nº 1, jan-jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/issue/view/64>>. Acesso em: 08 ago 2017, p.2.

Capítulo I: A Vida de Tolkien – Influências, Motivações e Contexto

Nascimento de J.R.R. Tolkien.

John Ronald Reuel Tolkien, ou simplesmente J.R.R. Tolkien, é sem dúvida nenhuma um dos grandes escritores do século XX e um dos maiores escritores de fantasia de todos os tempos. Tal é sua importância que quando se refere à literatura fantástica pode se dizer que há um tempo pré-Tolkien e um pós-Tolkien. De fato, ele foi grande compilador e organizador da narrativa fantasiosa e, embora houvesse obras e escritores anteriores, nenhuma obra do gênero possuía o grau de complexidade que o escritor africano deu ao seu mundo imaginário. Nesse capítulo será feita uma breve apresentação da vida desse grande escritor e com isso se proporá um singelo aceno ao contexto e motivações que tornaram possíveis a gestação, nascimento e desenvolvimento da Terra-média e de tudo que nela encerra⁴.

Os pais de Tolkien eram Arthur e Mabel, ambos eram ingleses de classe média. Arthur se encontrava na África do Sul desde 1888, pois havia conseguido um emprego no Banco da África e desde 1890 era seu gerente. Ele havia conhecido Mabel Suffield ainda na Inglaterra em 1887. Os dois se casaram na catedral anglicana da Cidade do Cabo apenas em 1891, pois seu romance enfrentara a desaprovação do pai de Mabel, John Suffield que, apesar de ser apenas um caixeiro viajante, via os Tolkien com certo preconceito social⁵. No mesmo ano Mabel descobriu-se grávida e teria partido de volta para a Inglaterra para ter seu bebê se não fosse pela negativa do marido, o qual pensava ser arriscado para sua carreira deixar seus deveres profissionais de lado.

Assim em 03 de janeiro de 1892 nascia na cidade *Bloemfontein*, Estado Livre de Orange, John Ronald Reuel Tolkien. Esse extenso nome foi fruto de uma discussão entre Mabel e Arthur, a mãe desejava que o segundo nome do filho fosse “Ronald”, enquanto o pai preferia manter a tradição familiar em torno do nome “Reuel”, como não houve vencedor na disputa o menino foi batizado com ambos os nomes na catedral da cidade em 31 de janeiro

⁴ Esse capítulo teve como base a biografia de J.R.R. Tolkien escrita por Michael Withe, publicada no Brasil pela editora Imago e a compilação de cartas que o próprio Tolkien escreveu ao longo de sua vida que foi organizada por Christopher Tolkien e Humphrey Carpenter tendo sido publicada no Brasil pela Arte e Letra Editora.

⁵ WHITE, Michael. **Tolkien**: uma biografia. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 21.

daquele mesmo ano. Quanto ao primeiro nome, “John”, deveu-se a tradição familiar, na qual se atribuía ao primogênito do primogênito tal nome. Muito agradava a Tolkien esse nome, apesar de não ter sido a intenção de seus pais, John era o nome do santo que ele escolherá como patrono: são João Evangelista⁶.

No ano de 1894, mais precisamente em 17 de fevereiro, nasceu o segundo filho do casal, o pequeno Hilary Tolkien. Nessa época Mabel enfrentara dificuldade referente ao clima do severo verão sul-africano e uma depressão por se sentir solitária, enquanto Ronald passava por alguns problemas de saúde ocasionados, em boa parte, pelo clima e pela poeira do lugar.

Em abril de 1895 Mabel e os dois filhos partiram em uma viagem de férias para a Inglaterra, Arthur relutou em deixar o seu posto no banco temendo que isso pudesse prejudicar o seu cargo. O trajeto da Cidade do Cabo, na África, até *Southampton*, na Inglaterra, durou três semanas a bordo do navio a vapor *Guelph*. Emily Jane, a irmã caçula de Mabel, é quem os recebe, a partir de então será chamada pelos meninos de “Tia Jane”. Todos viajam então para Birmigham, onde recebem aposentos na pequena casa dos Suffields. Esse período na Inglaterra deveria ser temporário, mas tudo estava prestes a mudar. Em novembro daquele mesmo ano chegaram más notícias vindas da África: Arthur estava gravemente adoentado, vindo a falecer em fevereiro de 1896.

A vida de Mabel e de seus dois filhos acabou mudando radicalmente. Eles tiveram que encontrar uma casa de aluguel para morar e, apesar da dedicação com a qual tinha se entregado ao trabalho, Arthur pouco deixou para a subsistência de sua família. Para ajudar um pouco no orçamento Walter Incedon, cunhado de Mabel, fornecia uma pequena mesada aos meninos.

A época idílica

Não obstante a todas as dificuldades dessa época, vem dela grandes memórias da infância de Ronald e Hilary, as quais serão por muitas vezes rememoradas por Tolkien e cuja influência moldará consideravelmente sua personalidade. Sua família se mudou para uma casa de campo no condado de *Warwickshire*, se tratava de uma pequena aldeia chamada de

⁶ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, p.376.

*Sarehole*⁷. Muitas foram as brincadeiras com as quais os dois pequenos irmãos estiveram envolvidos. O contato com a natureza e a liberdade experimentada aguçaram sua imaginação e ele pôde viver muitas aventuras lúdicas, muitas das quais provavelmente inspiraram aquelas que seus personagens iriam viver na Terra-Média. Dentre algumas das memórias mais jocosas de sua infância, Tolkien lembrava do moleiro que vivia ali perto, por viver sempre recoberto por farinha de trigo logo ganhou o apelido de “Ogro branco”⁸. Sempre ao lado do irmão, Tolkien enfrentava os mais terríveis “magos” e “dragões” que sua fantasia podia criar, eles tinham um ao outro e na dolorosa ausência do pai, representavam mutuamente a figura e influência masculina de que tanto precisavam.

Nesse mesmo período Ronald é introduzido no mundo da literatura e isso dá ainda mais asas a sua imaginação. Sua mãe que o ensinou a ler também apresentou-lhe alguns livros que logo fascinaram-lhe. Tolkien leu a “Ilha do Tesouro” e “Alice no país das maravilhas”, que aquela altura eram novidades, porém foi o “Livro vermelho das fadas”, de Andrew Lang, o que mais chamou sua atenção. Mabel era realmente muito preocupada com a educação dos filhos, começou a ensinar o mais velho deles alguns outros idiomas, francês e alguma coisa de latim, língua que Tolkien muito apreciou. Aquela fase utópica, contudo, não durou muito. Mabel resolveu que era melhor morar mais próxima do centro da cidade. Pensava assim porque os filhos se aproximavam da idade de frequentar a escola e precisariam estar mais perto dela. Existia ainda outro motivo para que ela pretendesse sair do campo: havia algum tempo se convertera a religião católica romana e pensava que era mais oportuno se avizinhar da igreja de *st. Dunstan*.

Tal conversão não agradou nem um pouco a família dela, tão pouco agradou a família do falecido marido. Seus familiares logo começaram tratá-la com discriminação, pois achavam um absurdo que agora ela estivesse ligada à Igreja de Roma e fosse “subordinada” ao papa. Uma das ações mais hostis que realizaram foi o corte da mesada que era destinada aos filhos. Ao contrário de fazê-la retroceder, as atitudes de sua família estreitaram cada vez mais seus laços com a Igreja católica a ponto de, no futuro, J.R.R. Tolkien considerá-la quase uma mártir da Fé⁹. Depois de algum tempo na igreja de *st. Dunstan*, Mabel encontra o “Oratório de *Birmingham*”, instituição fundada décadas antes por outro anglicano convertido ao catolicismo, o célebre John Henry Newman (a quem Bento XVI chamou de “doutor da

⁷ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006. p. 369.

⁸ WHITE, Michael. **Tolkien**: uma biografia. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 29..

⁹ *Ibid.*, p. 57.

Igreja”¹⁰). Nesse local conheceu o padre Francis Xavier Morgan que se tornaria um grande amigo e confidente. Esse era o ano de 1900, três anos mais tarde Ronald Tolkien será crismado e receberá a primeira Eucaristia. Pela Sagrada Eucaristia, aliás, Tolkien dedicava uma elevada devoção, segundo ele este excelso sacramento era uma fonte poderosa de espiritualidade¹¹, em suas próprias palavras o Santo Sacramento é “única grande coisa para se amar sobre a terra [...]. Nele você encontra romance, glória, honra, fidelidade e o verdadeiro caminho de todos os seus amores sobre a terra”¹².

A morte de Mabel

Depois de fracassar em uma primeira tentativa, finalmente Ronald é admitido na escola *King Edward*. Alternará algumas vezes de escola, frequentando durante um período a escola católica de St. Philip, mas logo retornará para a primeira. É na King Edward que ele será apresentado a outro grande autor da literatura inglesa, Geoffrey Chaucer.

Em 1904 Mabel descobriu que tinha diabetes, precisando ser hospitalizada por algum tempo. Nesse período a presença do padre Francis foi de extrema importância para os meninos, ele geralmente ia visitá-los e prestava-lhes apoio e atenção. De fato, desde que se conheceram o padre Francis sempre visitava Mabel e sua família, além de oferecer orientação espiritual, oferecia também sua amizade. Depois de receber alta e de ainda passar alguns meses com os filhos, Mabel teve uma grave crise decorrente da doença e aos 34 anos acabou falecendo no dia 14 de novembro daquele mesmo ano. Em seu leito de morte confiou ao amigo, padre Francis, a tarefa de tutelar os dois filhos. Não podia ser diferente, sua família havia rejeitado-a por causa de sua adesão à Igreja católica, a ponto de somente sua irmã, May Inclendon, vir participar de seus últimos momentos.

Tolkien nunca perdoou inteiramente os parentes por mandarem a mãe para uma sepultura prematura. Convenceu-se de que a rejeição por eles da conversão de Mabel à Igreja Católica agravara sua doença, e se ressentiu muito da falta de apoio a ela então¹³

¹⁰ BENTO XVI. **Entrevista com o Santo Padre durante o vôo rumo ao Reino Unido**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20100916_interv-regno-unito.html>. Acessado em: 31/01/2017, às 21h33.

¹¹ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, p. 321.

¹² Ibid., p. 56.

¹³ WHITE, Michael. **Tolkien: uma biografia**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p.40

Em 1905 os irmãos Tolkien se mudaram para a casa da tia Beatrice, viúva do irmão caçula de Mabel. Ficaram ali até 1908 quando foram morar na residência dos Faulkners, uma casa que funcionava como pensão. Esse lugar foi arranjado pelo padre Morgan que se via na responsabilidade de cuidar dos meninos, mas que sabia ser impossível acolhê-los no Oratório. Tolkien, então com 16 anos, conheceu a jovem Edith Bratt com quem logo começou uma amizade. Edith era três anos mais velha, como ele, era órfã e morava com os Faulkners. Não demorou para que essa amizade se convertesse em namoro, os dois se perceberam apaixonados um pelo outro. Entretanto, quando o padre Morgan soube do namoro, temendo que ele pudesse atrapalhar nos estudos do pupilo, proibiu Ronald de se encontrar com Edith até completar a maioridade. Como Tolkien tinha o tutor em alta estima o obedeceu. Por essa época Tolkien conheceu Christopher Wiseman, que se torna um de seus grandes amigos. Um de seus professores apresenta-lhes a *Bewulf*, um conto do folclore anglo-saxão, portanto, da literatura medieval inglesa pré-chauceriana. Na transição dos anos 1909 e 1910, Ronald tentou uma bolsa na Universidade de Oxford, mas dessa vez estava despreparado.

O Clube do Chá

Junto de alguns amigos da King Edward's, entre eles Christopher Wiseman, Robert Gilson e Geoffrey Bache Smith, fundou um clube que após as aulas se reunia para tomar chá, se debruçar e debater sobre algumas obras literárias. Se reuniam num estabelecimento de *Birmingham* chamado *Barrow's Stone*, daí derivou o nome do grupo: *Tea Club, Barrovian Society* (Clube do Chá, Sociedade Barroviana), ou simplesmente TC,BS¹⁴.

Tolkien resolveu tentar mais uma vez a admissão em Oxford, na realidade só poderia pleitear mais uma única vez a bolsa na universidade. Era dezembro de 1910 e agora ele se percebia em melhores condições de concorrer. Apesar de ser admitido, apenas recebeu uma bolsa *exhibition*, que não se tratava de uma bolsa plena, pagava apenas 60% da anuidade. Ele, no entanto, não desanimou e contando com o apoio da sua antiga escola e com uma mesada do padre Morgan começou seu curso de Letras Clássicas no outono do ano seguinte. Com os amigos do TC,BS começou a ler contos da literatura finlandesa que muito apreciava.

¹⁴ GANDRA FILHO, Ives Gandra. **O mundo do Senhor dos Anéis: Vida e Obra de J.R.R. Tolkien.** São Paulo: Mandras, 2002, p. 35.

Ao visitar os Alpes Suíços, acompanhado de Hilary e uma tia, Tolkien imaginou um de seus mais marcantes personagens: Gandalf, o cinzento. Nesse mesmo ano, 1911, começou os estudos na universidade de Oxford. Conheceu um de seus mais marcantes professores, Joe Wright, de quem havia lido um livro na adolescência. Wright era um professor bastante exigente e incentivou seu aluno a penetrar no estudo de línguas antigas, entre elas latim, grego, finlandês e nórdico.

O professor Wright fez Tolkien embrenhar-se nessa selva arcana e mostrou-lhe que as línguas de culturas muito diferentes e separadas em termos cronológicos continham ligações, subcorrentes e temas intrínsecos.¹⁵

Esse gosto pela filologia foi decisivo para Ronald, tanto na carreira acadêmica quanto em sua obra literária. Tolkien criou dois idiomas baseados naqueles que ele conhecia, sendo eles usados como fonte de inspiração para a Terra-média, com efeito, as duas línguas em questão serão atribuídas a dois grupos de elfos que habitarão o seu mundo fictício.

Tolkien reencontra Edith

Quando estava prestes a completar seus 18 anos e assim atingir a maioridade, Tolkien decidiu que era tempo de retomar o seu relacionamento com Edith. Portanto, na véspera de seu aniversário escreveu uma carta para a moça. Porém, quando recebeu a carta resposta sentiu-se sem chão. Por falta de contato naqueles últimos anos, Edith havia concluído que fora esquecida pelo antigo namorado e por isso se comprometera com outro rapaz. Como não desejava abrir mão daquela que considerava a mulher de sua vida, Tolkien embarcou num trem a 8 de janeiro de 1913 com destino a *Cheltenham* para se encontrar com Edith e dissuadi-la de casar-se com qualquer outro que não fosse ele. Por sorte Edith ainda sentia-se envolvida por ele, após desfazer o noivado, reatou o relacionamento com Tolkien.

Apesar de trabalhar muito e se debruçar nos estudos, J.R.R. Tolkien não foi bem sucedido ao tentar obter a “Primeira Classe” e se tornar bacharel em Letras Clássicas. Contudo, em parte dos exames ele demonstrou excelência. Tratava-se de suas provas escritas, elas demonstravam que Tolkien possuía aptidão na matéria de filologia. Constatando isso a banca examinadora fez-lhe a sugestão de mudança de curso. Ele passaria de Letras Clássicas

¹⁵ WHITE, Michael. **Tolkien**: uma biografia. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p. 57.

para Língua e Literatura inglesas. Ingressando nesse curso, Tolkien conheceu outro professor que será importante: Kenneth Sisam. Esse era muito rígido e muito mais exigente que Wright, cobrava a leitura de vários textos e os definia como obrigatórios. Isso fez com que Tolkien evoluísse rápido no aprendizado da filologia.

Quanto ao seu namoro, foi cada vez mais avançando e estreitando os laços entre ele e Edith. Tolkien estava convencido de que deveria ser casar com a moça, mas ainda havia um “problema” a resolver: ela não era católica. Com uma postura um tanto proselitista ele a convenceu a aderir sua religião. Todavia, há indícios de que ela tenha tomado essa decisão a contragosto, uma vez que nunca foi muito ligada à nova fé e quando participava do culto e demais atividades, o fazia com certa apatia, porém sua afeição pelo noivo era maior que sua resistência.

A Primeira Guerra Mundial

O ano novo trouxe grandes mudanças tanto para a vida de Ronald quanto para o mundo inteiro. Esse foi o ano em que uma das maiores tragédias da História humana teve início: a Primeira Grande Guerra¹⁶. Nesse contexto Oxford foi bastante afetada e grande parte dos jovens que fazia parte da vida universitária da cidade se voluntariou como combatente. Tolkien não foi um deles, postergou o serviço militar tanto quanto pôde, estava focado em prosseguir os estudos e conseguir o quanto antes a Primeira Classe e se habilitar como bacharel. Ficou consternado com o cenário desértico da universidade, para ele aquela realidade não combinava com o ambiente acadêmico. Ele ingressou no Corpo de Treinamento de Oficiais, nele pode angariar certo conhecimento militar e se preparar para um eventual alistamento, além disso, podia conciliar as atividades desse grupo com as da Academia. Conforme o ano passa as notícias de guerra vão piorando e a esperança cada vez mais sendo reduzida.

Como não havia muitas distrações naquele ano letivo devido à falta de pessoas, Tolkien se concentrou ainda mais nos estudos e no mês de junho de 1915 prestou o exame final, sendo agraciado com a Primeira Classe que tanto almejava. Agora estava apto para seguir sua carreira profissional e, no seu entender, para casar-se com Edith.

¹⁶ VIZENTINI, Paulo Fagundes. *As Guerras Mundiais (1914-1945)*. Leitura XXI: Porto Alegre, 2003, p. 32.

No entanto, com o agravamento da situação teria que tomar parte na Guerra. Foi designado segundo-tenente no regimento dos Fuzileiros de *Lancashire*. Assim como muitos jovens de sua época e das mais variadas classes sociais, estava se preparando para a qualquer momento entrar de fato em combate nos *fronts*. Enquanto não era convocado para as linhas de frente na França, Tolkien e os demais companheiros ficavam sendo deslocados de um posto a outro a fim de serem treinados e desempenharem algumas atividades militares, mas o principal papel que se esperava deles é estar disponível para substituir os soldados que iam morrendo e esses eram muitos. Entre os milhares de soldados ingleses mortos estavam dois de seus grandes amigos e cofundadores do T.C.BS: Geoffrey B. Smith e Robert Gilson.

Durante aqueles anos nefandos vivia entre o tédio dos ociosos campos de treinamento e a tensão pela expectativa de ser enviado ao *front* ou de receber más notícias envolvendo as pessoas a quem tinha apreço. Nesse cenário de desolação começa a esboçar trechos de uma de suas obras, o *Silmarillion*, esse livro certamente não é a *opus magnum* de Tolkien, mas é aquele pelo qual ele tinha um maior apreço e carinho e no qual mais dispensou tempo e atenção. Não é de estranhar, levando em conta o cenário em que foi concebido, que na leitura desse livro seja possível constatar alguns trechos dramáticos e melancólicos.

Iniciando-se o ano de 1916, Tolkien e Edith resolveram se casar. Marcaram o dia 22 de março para a cerimônia e o padre Francis Morgan teria assistido-a se não fosse pelo fato de não ser avisado em tempo hábil. Essa tarefa coube, portanto, ao padre Murphy, o qual era o atual pároco da noiva. A celebração do Matrimônio se realizou na cidade de Warwick, onde Edith então morava.

Passados algumas semanas do casamento, Tolkien torna-se primeiro-tenente e é nessa época que uma de suas fotografias mais famosas foi feita. Nela ele se apresenta todo em uniforme militar e usando bigode. Pouco tempo depois é finalmente enviado rumo ao *front*. Quando chegou a França, a 6 de junho de 1916, foi realocado num posto na pequena cidade de *Étaples*. Dali ele e seus companheiros foram de trem enviados para *Somme* onde participaram da famosa “Batalha de *Somme*”¹⁷, onde presença verdadeira carnificina¹⁸. Era início de julho. Só no primeiro dia de combate cerca de 20 mil soldados ingleses foram mortos e outros 60 mil se feriram.¹⁹

¹⁷ Ibid., p.38.

¹⁸ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). *As cartas de J.R.R. Tolkien*. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, p.56.

¹⁹ STRATHERN, Paul. *Heidegger (1889-1976) em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. P.15.

Diante de todos os horrores da guerra ninguém podia imaginar algo que fosse tão ruim, porém não só por fuzis, baionetas e combates sangrentos a Primeira Grande Guerra será marcada. Epidemias terríveis se fizeram presentes naqueles anos, das quais sem dúvida a Gripe Espanhola, que se espalhou principalmente em 1918, foi a mais letal. Outra doença que também contribuiu com a alta mortalidade desse período foi a chamada “febre das trincheiras”²⁰ (também chamada de “febre dos cinco dias”). Era causada pela bactéria *bartonella quintana* e extremamente favorecida pelos ferimentos dos soldados e a superpopulação das trincheiras, derivando daí o seu nome. Ronald Tolkien foi acometido por esse mal sendo, pois, removido do *front* por algum tempo até que estivesse curado. Retornou para a Inglaterra para ali permanecer enquanto durasse o tratamento. Para bem e para mal enquanto durou a guerra jamais esteve em perfeitas condições de saúde, precisando ser constantemente hospitalizado para conter a doença.

Nesse período nasce “A Balada de Berén e Lúthien” (fevereiro de 1918). Esse conto depois é adicionado ao Silmarillion, constituindo uma de suas mais importantes partes. Berén é um humano que ao se deparar com Lúthien, uma senhora élfica, dançando em meio à floresta se apaixona perdidamente por ela e é correspondido na mesma intensidade. Esse romance é inspirado no amor de Tolkien e Edith, de tal modo que em suas lápides foram colocados o nome do personagem que correspondia a cada um deles.

Era 16 de novembro de 1917 quando Trotski e Lênin, junto com os bolcheviques tomaram Moscou em decorrência da Revolução Russa. Nesse mesmo dia John Francis Reuel Tolkien nasceu, isso aconteceu na cidade de *Cheltenham*, na qual Tolkien estava. John Francis recebeu o nome em homenagem ao antigo tutor do pai e como ele viria a se tornar sacerdote católico.

A guerra inspirava certo desanimo aos Aliados, os quais não tinham grandes expectativas de vencê-la. Contudo, um evento mudou a realidade: a entrada dos Estados Unidos na guerra²¹. A declaração de guerra dos norte-americanos a Alemanha deu novo vigor aos Aliados, eles trouxeram mais soldados e poder bélico, para o qual a Tríplice Aliança já não era páreo. Apesar da incerteza com relação à Rússia, cuja Revolução dos bolcheviques dava indicações de que ela se retiraria do combate buscando nova reestruturação do país, a

²⁰ PITASSI, Luiza Helena Urso. **Bartonella spp. e o risco potencial de transmissão por transfusão sanguínea**. 2013. 178 p.. Tese (Doutorado em clínica médica) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

²¹ STRATHERN, Paul. **Heidegger (1889-1976) em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 47.

Inglaterra encontrava-se cheia de esperança, esse sentimento se espalhou entre os britânicos. Assim, em 11 de novembro de 1918, portanto, cinco dias antes do primeiro aniversário do primogênito dos Tolkien, a Alemanha se rende e o armistício que marca o final da Primeira Guerra Mundial é assinado. No dia seguinte ao final da guerra, Ronald pede ao seu comandante para retornar a Oxford.

Atividade profissional em Oxford

Retornando para Oxford, Ronald conseguiu um emprego no projeto do *The New English Dictionary*.²² Tratava-se de um dicionário iniciado no ano de 1878, aquela altura somente os verbetes de A à H estavam compilados. Coube a Tolkien os vocábulos com inicial W. O trabalho era simples para um filólogo da estirpe de Tolkien, porém, além de tedioso, o trabalho não gerava suficiente para o seu orçamento. Por isso, ele resolveu dar aulas particulares em sua residência, aulas essas que se destinavam a alunos de Oxford que desejavam reforçar os estudos.

Possuía muita aptidão para a docência, foi o que o filólogo percebeu transcorrido algum tempo após ter iniciado a função. Logo sua agenda foi ficando apertada pela quantidade de alunos que aderiam às suas aulas. Isso possibilitou que Tolkien pudesse se desligar definitivamente de suas funções no *The New English Dictionary*.

No verão de 1920 o cargo de professor *Reader* (leitor: espécie de segundo professor titular nas universidades inglesas), da Universidade de *Leeds*, entrou em vacância em decorrência da morte do professor anterior. Mesmo sem muitas esperanças de conseguir aquele cargo, Tolkien escreveu uma carta para a Universidade solicitando a oportunidade para fazer uma entrevista. Ficou surpreso ao ser convocado para entrevista. Viajou de trem para *Leeds* e passou um dia inteiro com o entrevistador, o professor George Gordon. Não havia comunicado a família a respeito de sua intenção de concorrer à vaga. Dessa maneira quando uma segunda carta chegou a sua residência solicitando sua presença na Universidade de Leeds para assumir ao cargo pegou todos de surpresa, inclusive o próprio Tolkien, o qual sabia ter

²² **OXFORD ENGLISH DICTIONARY**. Disponível em: <<http://www.oed.com/>>; acessado em: 07 mar. 2017, às 09h52.

ido bem ao encontro com Gordon, mas pensou que haveria gente mais qualificada concorrendo.

Nasce Michael, segundo filho do casal Tolkien. Esse evento se dá em outubro de 1920. No natal do mesmo ano Tolkien escreve a primeira “carta do Papai Noel”²³, tratava-se de uma brincadeira que ele inicia com seus filhos, na qual se passava pelo Papai Noel e estabelecia diálogo com eles. Essa prática virou tradição nos natais celebrados pela sua família.

Em 1922 chega a *Leeds* um dos antigos alunos de Tolkien, chamava-se Eric Gordon, com o qual trabalha junto em algumas publicações, a mais importante delas “*Sir Gawain and the Green Knight*”²⁴, conto inglês do século XIV em que sir Gawain, cavaleiro da corte do Lendário rei Arthur, enfrenta o terrível Cavaleiro Verde e se vê embaraçado num relacionamento problemático com a mulher de outro Lorde. Era o conto favorito dos dois e um dos textos básicos do curso de Língua Inglesa. Juntos também formaram o *Viking Club* (Clube Viquingue), cujos estudos de língua nórdica e outras línguas se destinavam tanto a alunos quanto a professores e funcionava como uma espécie de válvula de escape para a sobrecarregada vida acadêmica.

Mais uma vez Edith ficou grávida, era início de 1924, os Tolkien se mudaram para uma casa maior, visavam o conforto da família que agora esperava um novo membro. A preocupação pela chegada do terceiro filho foi superada quando a faculdade resolveu criar uma nova cadeira no departamento de inglês. Tolkien assumiu o novo cargo em outubro e em setembro Christopher Tolkien nasceu.

Retorno para Oxford

Apesar de está feliz em *Leeds* e ter alcançado um bom emprego, o qual lhe daria certa estabilidade social e financeira, Tolkien se viu mais uma vez motivado a retornar a *Oxford*. Isso porque o professor titular de Anglo-Saxão da Universidade resolveu aceitar uma proposta dos Estados Unidos e sua cadeira em *Oxford* ficou vaga. Era uma oportunidade extraordinária

²³ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, pp. 30-31.

²⁴ KLAUTAU, Diego. O estudo de J.R.R. Tolkien do poema “*Sir Gawain and the Green Knight*”. *Ciberteologia: Revista de Teologia & cultura*, São Paulo, Ano X, n. 48, p. 03—31, out./Nov./dez. 2014, p. 06.

para Ronald, não só por se tratar de um cargo maior que o seu, numa universidade melhor que a sua, mas porque possuía grande ligação com aquela cidade. A concorrência para o cargo era altíssima e o conselho de Universidade entrou em debate para a escolha do seu novo ocupante. Contudo, o professor George Gordon, que fazia parte daquele conselho (havia se mudado para *Oxford* dois anos antes), teve o “Voto de Minerva”. Gordon reconhecia a grande capacidade do antigo colega, logo, não teve dúvidas em apostar todas as suas fichas em Tolkien. Mais uma vez a família Tolkien troca de cidade, porém essa será a derradeira vez.

Tolkien foi um grande professor, sendo muitas vezes elogiado pelos seus alunos. Apesar de ser muitas vezes tímido e reservado, possuía uma didática hipnotizadora e conseguia transmitir o conteúdo de maneira criativa e eficaz. Promoveu diversas palestras na universidade, as mais famosas delas foram as que se destinavam a *Beowulf*, essas atraíam grande público pelo modo entusiasmado com que Tolkien as ministrava. Ele tinha grande atividade acadêmica, produzindo várias publicações em periódicos da Universidade e de outras instituições.

As cartas de Papai Noel e Tom Bombadil

Como já mencionado, Tolkien era muito delicado no trato com as pessoas, essa realidade não era muito diferente daquela que vivia em casa. Apesar de ter uma vida muito ocupada com os afazeres do trabalho, ele sempre encontrava tempo para os filhos. Agora, eles eram quatro, pois em 1929 nasceu a filha caçula do casal, chamava-se Priscila. Contava-lhes histórias antes de dormirem e sempre que possível escrevia lhes cartas, todas elas cheias de linguagem terna e afável. Uma dessas produções foram as cartas do Papai Noel, endereçada a todos os filhos. Nessas cartas (preservadas pela família e publicadas em forma de coletânea em 1976) Tolkien narra as aventuras acerca da distribuição dos presentes nas noites de Natal. As narrativas vão ficando cada vez mais complexas com o passar dos anos e mais personagens são incluídos nela, como o Urso Polar, a Grande Foca e duendes da neve. Tal iniciativa de Tolkien começou quando John era ainda muito pequeno e se estendeu até que Priscila, sua filha, deixe a infância. Foi inspirada em uma carta que Tolkien recebera de Mabel quando ainda tinha dois anos de idade e que guardara consigo por muito tempo. Não foram apenas as cartas do Papai Noel que Tolkien compôs para os filhos. Ele também inventava outras histórias e nelas dispensava sua grande criatividade, em algumas dessas

histórias adicionava ilustrações muito bem desenvolvidas e cheias de detalhes. Fazem parte dessas produções narrativas contos como *Raverandon*, *As Aventuras de Tom Bombadil* e muitas outras.

*Raverandon*²⁵ é uma história na qual uma das personagens é um brinquedo de Michael que havia sido perdido na praia uma vez. Esse brinquedo era um cachorro, denominado na história como Rover e que havia sido enfeitiçado por um terrível mago. Já *As Aventuras de Tom Bombadil* traz como personagem principal o mesmo Tom que depois reaparecerá em *O Senhor dos Anéis*, tendo uma importante função na trama.

Amizade com C.S.Lewis

De todas as amizades que Tolkien cultivou em sua vida a mais importante sem sombra de dúvida foi com outro professor de *Oxford* e que também fez muito sucesso como escritor: Clive Staples Lewis, ou simplesmente C.S.Lewis²⁶. Eles se conheceram em uma reunião de professores no dia 11 de maio de 1926. A partir de então começaram uma frutífera amizade que significará colaboração e admiração recíproca. Posteriormente, Lewis indicará Tolkien como um dos mais importantes autores da literatura fantástica, colocando-o entre grandes nomes, como o de Lewis Carroll (autor de *Alice no País das Maravilhas*)²⁷.

Pouco depois de se conhecerem, Tolkien convidou Lewis a participar de um grupo, recém criado, chamado *Coalbiters*, o qual se ocupava do estudo da língua islandesa. Jack (como Lewis era chamado pelos íntimos) era iniciante nesse idioma, mas fez parte do grupo mesmo assim. Dessa maneira poderiam se reunir e conversar mais vezes.

Contudo foi outro grupo do qual Tolkien e Lewis fizeram parte que ficou famoso. Tratava-se do *Inklings*, palavra que quer dizer “ideias” e que carrega o trocadilho com *ink*, do inglês “tinta”. Ambos foram convidados a participar desse grupo pelo seu fundador, Edward Tange Lean, um estudante da Universidade. Porém, após receber uma proposta de emprego em outra cidade, Lean deixou o *Inklings* que a partir de então passou a ser responsabilidade de Tolkien e Lewis. Esse grupo foi formado de maneira despreziosa. A priori, não possuía

²⁵ TOLKIEN, J.R.R.. **Roverandon**. 2ª Ed. Martins Fontes: São Paulo, 2014, pp. 9-10.

²⁶ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, pp. 289,343.

²⁷ LEWIS, C.S.. **As Crônicas de Nárnia**: Volume único. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 742.

uma finalidade acadêmica, como era o caso dos outros grupos formados por Tolkien (com exceção do CS,BS, o qual era bastante semelhante ao *Inklings*), se destinava mais à partilha de ideias, de assuntos dos mais variados gêneros e de cerveja. O grupo também se reunia no escritório de Lewis, mas o lugar preferencial para os encontros era mesmo o *pub Eagle and Child* ou, como eles gostavam de chamar, “*Bird and Baby*”²⁸. A formação do grupo pouco variou com o tempo, foram integrantes as seguintes pessoas: Nevil Coghill Lewis, irmão mais velho de Jack, Warren e Hugo Dyson, o médico Robert Havard e, mais tardiamente, Charles Willians.

Durante as reuniões do *Inklings* foram lidas em primeira mão as páginas de obras literárias que se tornariam consagradas, como “Crônicas de Nárnia”, “Cartas de um Diabo ao seu aprendiz”, “O Hobbit” e “O Senhor dos Anéis”. Apesar Tolkien e C.S.Lewis serem os membros mais famosos do *Inklings*, N.C. Lewis atingiu grande reconhecimento acadêmico por sua tradução do *Cantebury Tales* (Contos da Cantuária), obra mais importante de Chaucer, e Charles Willians ficou famoso como poeta.

Tolkien levava muito a sério as críticas das pessoas por quem tinha admiração, as via como colaboração. Por isso pediu que Jack lesse os primeiros rascunhos de “A balada de Béren e Lúthien” e quando o amigo lhe devolveu os escritos com alguns comentários nas margens. Ronald considerou aqueles comentários como importante contribuição e tratou de remodelar a história onde julgou ser necessário.

O intercâmbio entre eles não se limitou apenas no campo da literatura. Também travaram alguns debates no campo da Teologia. Quando se conheceram, C.S.Lewis se considerava um agnóstico. Embora concedesse alguma atenção ao tema da religião, encarava o cristianismo com certo ceticismo e não atribuía a ele credibilidade maior que aquela que dava às mitologias mais variadas. Ao saber disso, Tolkien sentiu-se na responsabilidade de guiar o amigo no caminho da instrução religiosa, por isso procurava responder as inquietações de Lewis com muita ponderação e construir uma argumentação lógica para apresentar os dados da Fé.

A princípio, C.S.Lewis pensava que Tolkien representava um contrassenso, já que conciliava em si o brilhantismo e a religiosidade. Essa realidade mudou com o tempo, uma vez que, instigado com os frutíferos debates com Tolkien, passou de uma mentalidade

²⁸ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, p.93.

agnóstica para uma mais panteísta, ainda com reservas em relação à religiosidade ligada a um deus pessoal. Até que em 19 de setembro de 1931 ele, Tolkien e Hugo Dyson (também cristão) tiveram uma conversa que representou a grande virada em sua vida. Quando tentava explicar para os amigos seu ceticismo em relação ao cristianismo, Lewis, que a exemplo de Tolkien era versado em mitologias das mais variadas culturas, definiu a história de Cristo como uma lenda, como um mito, não muito diferente de todos os outros que conhecia. A isso Tolkien respondeu brilhantemente.

Os mitos, ele declarou, com toda a certeza não são mentiras. Derivam de um núcleo de verdade e descrevem um significado cultural bem específico. O cristianismo se baseou no que Lewis considerava o “mito de Cristo”. Muito bem, então, replicou Tolkien, chame de mito se quiser, mas ele foi criado de fatos reais e inspirado por uma profunda verdade. Por fim, nenhum mito era mentira, acreditava Tolkien, e o “mito” que está no cerne do cristianismo ofereceu um caminho a seguir para o aspecto não materialista de todo ser humano, uma estrada interior para uma verdade espiritual, mais profunda.²⁹

A ideia de que o mito transmite a verdade foi um divisor de águas para Lewis. Com efeito, além de fazê-lo repensar a Fé cristã e conseqüentemente aderir a ela, essa ideia está na base de sua obra mais famosa. As Crônicas de Nárnia se apresentam como uma clara alegoria catequética, onde a narrativa é disposta de maneira a fazer os leitores serem confrontados com a mensagem cristã. Outros textos de C.S.Lewis carregarão as conseqüências dessa nova relação dele com a religião, de tal modo que ele receberá reconhecimento como apologista cristão. Reconhecia a contribuição de Tolkien nesse processo, tanto foi assim que dedicou “As cartas de um Diabo ao seu Aprendiz”³⁰ para o amigo católico, como “pagamento de uma grande dívida”. Por sua vez, referindo-se a Lewis, assim Tolkien se expressou em certa ocasião:

Além de dar constante prazer e conforto, me fez muito bem pelo contato com um homem ao mesmo tempo, honesto, corajoso e intelectual – um estudioso, um poeta eu filósofo – e um amante afinal, após uma longa peregrinação, de Nosso Senhor³¹

Por quase vinte anos durou a amizade de Lewis e Tolkien. Alguns fatores, no entanto, foram decisivos para que eles aos poucos se afastassem. Talvez o mais importante tenha sido o fato de Lewis, não obstante o retorno ao cristianismo, não ter se feito católico. Tolkien não possuía uma tendência muito ecumênica, realidade comum entre os católicos antes do

²⁹ WHITE, Michael. **Tolkien**:uma biografia. Rio de Janeiro: Imago Ed.,2002, pp. 146-147.

³⁰ LEWIS, C.S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. 2ª ed. São Paulo:Martins Fontes, 2009, p..5

³¹ WHITE, Michael. **Tolkien**:uma biografia. Rio de Janeiro: Imago Ed.,2002, pp. 147-148

Concílio Vaticano II, via o protestantismo com desconfiança e desprezo. Lewis, por sua vez, não sentia a menor atração pelo catolicismo e até o via com certo preconceito. Outra coisa que foi crucial para o distanciamento paulatino entre eles foi a posterior amizade entre Lewis e Charles Willians, de quem Tolkien pouco gostava e em quem pouco confiava. Acrescentou-se ainda o ciúme e despeito que Tolkien sentia do sucesso repentino que Lewis alcançara, tanto como escritor quanto como apologista cristão. Perfeccionista como era, Tolkien justificava-se afirmando que Lewis era por demais precipitado no que se referia aos seus trabalhos. Todavia, é possível que o motivo de Tolkien desgostar das obras do amigo fosse o fato delas se constituírem como expressão do protestantismo de Lewis. De fato, Ronald detestava “As Crônicas de Nárnia”, para ele, os sete livros que formam a obra eram por demais superficiais e careciam de maior coesão narrativa, resultado da pressa em que foram gerados.

A amizade, que já vinha perdendo o vigor, foi completamente desbaratada quando, após a morte de Janie Moore, Lewis se casou com Joy Gresham³², uma presbiteriana divorciada e mãe de dois filhos. Para distanciá-los também geograficamente, Jack se mudou para Cambridge em 1954 para assumir a Cátedra de Inglês Medieval e Renascentista. O ressentimento de Tolkien foi tão grande que ao ser convidado a escrever uma homenagem póstuma a Lewis em 1963 ele recusou taxativamente.

Malgrado esse resfriamento e distanciamento, é inegável que a amizade entre ambos foi bastante influente na vida literária de cada um deles. Depois da própria família, foi a Lewis que Tolkien deu acesso à versão primacial de “O Hobbit”. Jack ficara fascinado por aquela história e muito a elogiou. Aliás, quando o livro foi publicado, anos mais tarde, foi Lewis quem recebeu da revista *The Times* a incumbência de tecer uma crítica a ele. Tal parecer foi extremamente positivo e indicava sua leitura a todos os públicos, ainda que reconhecesse nela uma obra de cunho infantil.

Num buraco no chão, morava um hobbit

O Hobbit nasceu despreziosamente como uma de muitas inventadas para a contação noturna aos filhos. De modo que não se sabe ao certo quando ela surgiu de fato. O que

³² Ibid., p.155.

Tolkien tinha claro era como ela apareceu em sua imaginação. Um dia, ao corrigir as provas de seus alunos, Tolkien parou por um instante e observou que no tapete de seu escritório doméstico havia um buraco. Logo pensou: “Num buraco no chão, morava um hobbit”. Dessa fagulha criativa derivaria toda a sua obra literária, pois do *Hobbit*, escrito a partir daqui, surgirá toda a “mitologia do Anel”. É verdade que na sua mente Tolkien já modelava O *Silmarillion* desde os tempos da guerra, mas até esse último ganhou uma resignificação provocada pela história de Bilbo e Smaug.

Por muito tempo Tolkien deixou o *Hobbit* na gaveta de seu escritório. Depois da criação do *Inklings* ele novamente se viu envolvido com a história e a levou para as reuniões a fim de que os outros companheiros tivessem acesso a ela. Em 1936 emprestou o rascunho para uma ex-aluna, Elaine Griffiths³³. Ela encontrava-se em *Oxford* trabalhando numa revisão de *Bewulf* destinada à editora *Allen & Unwin*. Griffiths muito gostou da história e tratou de repassá-la a Susan Dagnall, sua amiga e assistente editorial. Claro que para fazê-lo pediu autorização ao autor da obra que surpreendentemente aceitou de bom grado.

Durante a viagem de trem que ligava *Oxford* a Londres é que Dagnall leu o livro. Ficou encantada com os personagens e a narrativa. Porém, antes que pudesse apresentar *O Hobbit* aos seus superiores na editora seria necessário resolver um problema. A história precisava ser concluída, uma vez que os últimos capítulos ainda inexistiam.

Tolkien muito motivado com a tarefa trabalhou do mês de agosto até outubro. Foi beneficiado pelo fato de que aquele era justamente o período de férias da universidade. Teve a ajuda de seu filho Michael, o qual passou as férias datilografando os manuscritos do pai. A nova versão, intitulada “O Hobbit, ou Ida e Volta”, ficou pronta para ser apresentada a *Allen & Unwin* no dia 03 do mês de outubro. Acrescentou aos escritos uma série de ilustrações e mapas que ele próprio desenhou, as quais representavam algumas das cenas presentes na história e os locais onde se passavam.

A editora Allen & Unwin

³³ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, p.354.

Stanley Unwin³⁴, um dos sócios da editora, também simpatizou bastante com o livro, contudo era preciso que alguém que representasse a faixa etária para qual a história se destinava pudesse dar seu parecer. Por isso, Stanley pediu que seu filho Rayner, na época com dez anos, lesse “O Hobbit” e escrevesse uma crítica. O garoto ficou deslumbrado e intuiu que o livro poderia interessar às crianças de sua idade. Logo depois disso a editora comunicou a Tolkien o interesse de publicar sua obra.

As provas de *O Hobbit* estavam prontas em fevereiro de 1937 e só precisavam do aval do autor para que os exemplares fossem produzidos. No entanto ao tê-las em mãos, o perfeccionismo e a autocrítica de Tolkien entraram em ação. Ele percebeu que era possível fazer uma série de melhorias no livro a fim de suprimir aquilo que ele avaliava como incoerências na narrativa. Os editores então perceberam o gênio complicado e sistemático do professor Ronald. A sorte é que ao concluir a revisão, algo que só aconteceu alguns meses depois, Tolkien havia melhorado a história consideravelmente e a tornado mais interessante. Depois de alguma discussão sobre quando o livro deveria ser lançado, a vontade da *Allen & Unwin* prevaleceu. *O Hobbit* chegou às livrarias inglesas no mês de setembro de 1937, isso porque a editora desejava aproveitar o Natal daquele ano. A decisão foi comercialmente acertada, porquanto, por volta do Natal a primeira edição já havia se esgotado.

Uma editora de Boston, nos Estados Unidos, tomou ciência do livro de Tolkien, mesmo antes dele ser publicado na Inglaterra, e solicitou permissão para publicá-lo em território americano. Tolkien muito satisfeito aceitou. Essa editora era a *Houghton Mifflin*, a qual também solicitou algumas ilustrações coloridas para a edição americana. Com muito esmero dedicou tempo às tais ilustrações. Havia a possibilidade de que outra pessoa fizesse os desenhos, porém, Tolkien jamais aceitaria que alguém se metesse no seu trabalho. Aliás, o pessoal da *Allen & Unwin* já estavam acostumados à meticulosidade dele.. Portanto, quando, motivada pelo sucesso editorial do livro, a *Allen & Unwin* encomendou uma continuação da história para Tolkien, tinha ideia de que o resultado poderia demorar.

Ao ser instigado a compor uma continuação de *O Hobbit*, Tolkien pensou na possibilidade de utilizar alguma de suas muitas histórias como arcabouço. Entre essas histórias estava uma versão de “O Silmarillion” e de “A balada de Béren e Lúthien”. Ele de fato nutria a esperança de que a *Allen & Unwin* se interessaria por publicar o livro sobre as “pedras silmarils”, embora ele fosse muito mais complexo e denso que “O Hobbit”. De fato,

³⁴ Ibid., p. 329.

dedicava ao *Silmarillion* um sentimento especial, certa feita assim se referiu à obra: “As *Silmarils* moram em meu coração”³⁵. Ainda havia uma série de contos que narravam aventuras de alguns personagens que futuramente constituiriam “O Senhor dos Anéis”, como era o caso de Elrond, Morgoth e Sauron. No entanto esses contos eram independentes, não possuindo uma clara ligação entre eles. Todas essas histórias serviram como base para a composição do novo livro de Tolkien. Muito empolgado ele começou a escrever.

Os editores sabiam que a continuação que tanto esperavam podia demorar algum tempo, no entanto, não imaginavam que o tempo que deveriam aguardar fosse tão grande como se demonstrou. Ao todo o tempo que Tolkien precisou para escrever, reescrever e revisar “O Senhor dos Anéis” foi de doze anos. Nesse período releu “O *Silmarillion*” buscando nele alguns temas que usaria como motivações para o novo livro, conforme fazia isso se deparava com uma riqueza que o instigava a enveredar sua história por novos rumos e destrinchar cada um deles. Além disso, remodelou o próprio *Silmarillion*, visava dar maior coesão à narrativa e evitar que pudesse haver nela qualquer tipo de “furo”. Esse foi um trabalho de edição que requereu muita dedicação e esmero, pois Tolkien queria que seus livros estivessem de tal maneira intrincados que parecessem uma coisa só e é isso que de fato se observa quando se lê *O Silmarillion*, *O Hobbit*, e *O Senhor dos Anéis*, ou como o próprio Tolkien gostava de chamar sua obra: o *legendarium*.

O horror renasce com a Segunda Guerra Mundial

A explosão da Segunda Grande Guerra contribuiu negativamente para que o prazo de desenvolvimento da história fosse tão grande. Assim como a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra promoveu mudanças significativas na vida de todos os ingleses. Tolkien, por exemplo, acolheu em sua casa um grupo de refugiados ingleses que buscavam na cidade de *Oxford* um lugar seguro. Essa realidade se deu porque os alemães haviam firmado um acordo de que não atacariam aquela cidade. Contribuiu ainda o fato de que os filhos homens do casal Tolkien estavam ausentes. John se encontrava em Roma estudando para se tornar sacerdote católico, enquanto Michael e Christopher se alistaram nas forças armadas britânicas.

³⁵WHITE, Michael. **Tolkien**: uma biografia. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, p.177.

Tolkien possuía muito desprezo pela figura de Hitler³⁶. Ele não compreendia como o povo alemão tinha se deixado seduzir por alguém tão ignorante quanto o *Führer*. Dois episódios envolvendo os nazistas deixaram-no diretamente consternado. Um deles foi quando a editora *Rütten e Loening*, que queria publicar *O Hobbit* na Alemanha, mandou-lhe uma carta indagando se ele possuía “ascendência ariana” (na realidade queriam saber se ele era judeu). O outro fato, que o atingiu economicamente, foi quando um armazém que continha um estoque de exemplares de seu livro sofreu um bombardeio.

No dia 19 de dezembro de 1938, Tolkien já havia escrito o primeiro capítulo do livro, esse se configurava como uma espécie de continuidade ao *Hobbit*. Conforme ia avançando na narrativa, Ronald resignificava a sua obra. Foi assim que o antigo anel que Bilbo encontrou em uma caverna escura, até então um objeto desprezível, torna-se o fio condutor da narrativa. Esse anel ganha a posição proeminente na estória, legando a ela toda a aventura, tensão, suspense e ação. Por fim, concluiu tanto *O Senhor dos Anéis* quanto a remodelagem de *O Silmarillion* no início da década de 1950. A primeira pessoa a ler a versão concluída de *O Senhor dos Anéis* foi, seu ainda amigo, C.S.Lewis, cujo entusiasmo ficou patente em seu parecer sobre o livro.

O Senhor dos Anéis é publicado

Apesar de ter sido finalizado entre o final de 1949 e 1950, *O Senhor dos Anéis* só foi publicado em 1954. Isso porque houve um impasse entre Tolkien e a *Allen & Unwin*. A editora desejava dividir o livro em três partes, tinha motivos práticos e comerciais com a medida. Tal sugestão desagradou Tolkien que considerava que a obra deveria ser publicada em volume único, para não comprometer a integridade dela. Além disso, mantinha vivo o ideal de publicar também *O Silmarillion*, no entanto, os editores não acenavam a essa possibilidade.

Flertou, portanto, com a editora *Collins* de Londres, nela trabalhava certo Milton Waldman, cujo interesse por sua coletânea muito o agradou. Todavia o acordo entre Tolkien e a *Collins* não se concretizou. Na verdade a editora londrina possuía interesse em adquirir os

³⁶ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, p.94.

direitos de *O Hobbit*. Outros empecilhos fizeram com que Tolkien retrocedesse e firmasse um acordo com a *Allen & Unwin*. Acabou por aceitar as condições da editora de Stanley Unwin e dividiu *O Senhor dos Anéis* em três livros menores: “*The fellowship of the ring*”(A Sociedade/Confraria do Anel), “*The two Towers*”(As Duas Torres) e “*The Return of the King*”(O Retorno do Rei). O acordo previa que Tolkien receberia *royalties* pela venda direta do livro, ou seja, metade do lucro de cada unidade vendida seria dele. Esse modelo de contrato visava garantir a editora um menor risco e um menor prejuízo no caso de um eventual fracasso comercial do livro. A publicação de *O Silmarillion* não fora contemplada.

Num intervalo de três meses, entre agosto e outubro, os três livros foram publicados. O livro atingiu grande sucesso comercial, sendo reeditado após apenas seis meses. A crítica especializada, por sua vez, ficou dividida. Houve quem fez elogios copiosos à obra, como foi o caso de C.S.Lewis, e quem a qualificou como “lixo Juvenil”³⁷. Alguns elogios foram tecidos em louvores à grande criatividade do autor, à sedução que as páginas provocavam e à construção coesa da narrativa. Algumas críticas, por outro lado, viam no excesso de fantasia uma grande abdicação da realidade, quase como uma “*fuga mundi*”.

O Retorno financeiro de seus trabalhos literários garantiu a Tolkien a tão desejada estabilidade financeira que há muito ele almejava. Em 1957 uma universidade nos Estados Unidos comprou os manuscritos originais de *O Hobbit* e de *O Senhor dos Anéis*, o que lhe rendeu ainda mais dinheiro. Encontrando-se agora em situação economicamente confortável, Tolkien se aposentou da função de professor universitário e se mudou com Edith para uma casa mais confortável.

Em agosto de 1965, respaldada por uma lei americana que não obrigava o pagamento de direitos a autores estrangeiros, a editora *Ace Books* publica nos Estados Unidos uma versão pirata de *O Senhor dos Anéis*. Poucos meses depois a, também americana, editora *Ballantine* publica a versão oficial dos livros. A edição da *Ace Books* era a mais barata, portanto, a mais procurada. Contudo, essa realidade mudou quando Tolkien, respondendo a diversas cartas, informou a seus fãs americanos como estava contrariado pela existência da tal pirataria. Os fãs criaram um boicote a versão da *Ace*. O caso ganhou repercussão na mídia americana e depois mundial. As consequências dessa repercussão foram principalmente duas: um acordo entre a *Ace* e Tolkien, no qual a editora se comprometeu a indenizar o autor pelo uso indevido de sua obra, e a grande popularidade que *O Senhor dos Anéis* alcançou, o que ocasionou um

³⁷ WHITE, Michael. **Tolkien**:uma biografia. Rio de Janeiro: Imago Ed.,2002. P.209

grande interesse pelo livro e alavancou ainda mais a sua venda. A popularidade e o sucesso comercial de sua obra concederam a Ronald e a Edith conforto e tranquilidade em seus últimos anos. Porém, não foram suficientes para que Tolkien conseguisse fazer com que *O Silmarillion* fosse publicado.

Os últimos dias de Tolkien

O início dos anos de 1970 marca os últimos anos de Tolkien. Em 1971, precisamente em 29 de novembro, Edith morre em decorrência de uma inflamação na vesícula biliar. Em 1972, Ronald é agraciado com homenagens advindas da academia e da sociedade literária britânica. Chega a receber o título de Comandante da Ordem do Império Britânico das mãos da Rainha Elizabeth II³⁸. Nesse mesmo ano começou a sofrer com problemas de saúde. Faleceu aos 81 anos de idade em 2 de setembro de 1973, três dias após ser hospitalizado para controlar uma infecção generalizada, a qual havia provocado uma úlcera aguda no estômago.

Christopher Tolkien, o qual recebeu do pai os textos originais, compilou *O Silmarillion* que pôde enfim ser publicado quatro anos após a morte de seu autor, fechando assim o ciclo principal da sua obra literária³⁹. Esse livro preenche diversas lacunas que ficavam da leitura de *O Senhor dos Anéis*, apresenta a formação da Terra-Média e a mitologia que preenche o seu mundo imaginário, possui profundidade extraordinária no que se refere à criatividade e meticulosidade de J.R.R Tolkien, o qual pretendia dar verossimilhança e coesão ao seu mundo fictício. Também foi Christopher quem, partindo de manuscritos de Ronald, organizou e publicou os “Contos inacabados da Terra de Númeror e da Terra-Média” e “Os Filhos de Húrin”, este último traz, de maneira mais detalhada, um tema já presente em *O Silmarillion*, ou seja, a tragédia que envolve Túrim e Nienor.

A obra de Tolkien, especialmente *O Senhor dos Anéis*, possui grande influência na chamada cultura *pop*, as peças cinematográficas produzidas por Peter Jackson, cujo sucesso foi estrondoso, reforçam essa ideia. Essas, no entanto, foram feitas a revelia da família

³⁸ RUFO, Aline Duarte. **Melkor, o inimigo do mundo**: a constituição do vilão em o *Silmarillion* de J. R. R. Tolkien. 2016. 112 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade federal de São Carlos, São Carlos. 2016, p. 17

³⁹ GANDRA FILHO, Ives Gandra. **O mundo do Senhor dos Anéis**: Vida e Obra de J.R.R. Tolkien. São Paulo: Mandras, 2002, p. 42.

Tolkien⁴⁰, só puderam ser realizadas porque o próprio J.R.R. Tolkien vendeu os direitos de sua obra para reprodução cinematográfica em 1968. Em 1997 *O Senhor dos Anéis* alcançou o topo da lista em uma pesquisa realizada pela editora inglesa *Waterstone*, a qual almejava conhecer o livro preferido dos britânicos no século XX⁴¹.

⁴⁰RÉROLLE, Raphaëlle. **Tolkien, l'anneau de la discorde**. *Le Monde*, 05 jul 2012. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/culture/article/2012/07/05/tolkien-l-anneau-de-la-discorde_1729858_3246.html>; acessado em 27/02/2017, às 22h26.

⁴¹ WHITE, Michael. **Tolkien**: uma biografia. Rio de Janeiro: Imago Ed.,2002, p. 244.

Capítulo II: Uma análise de “O Silmarillion”.

1. Tolkien cria uma mitologia dentro de uma mitologia.

Como já argumentado a apresentação biográfica do autor se fez necessária para que se compreendam com maior exatidão quais os fatores foram decisivos na criação da obra. De fato, “a literatura como arte, é um fato de civilização, condicionada por seu meio. Ela revela uma mensagem, e revela também a personalidade de seu autor, sua sociedade”⁴². Todos os livros do Ciclo do Anel contêm algum traço da personalidade de Tolkien e daquilo que permeou sua vida: o amor à esposa, as mitologias e línguas antigas, a amizade, os terrores da guerra, a dubiedade do ser humano, as aventuras de uma infância nunca esquecida e sem dúvida a sua religião. Ter isso em mente importa para que se compreenda a antropologia e visão de mundo que se manifestam em toda a literatura tolkiniana. É partindo dessas duas que posteriormente se procurará fazer uma reflexão teológica da obra selecionada. No caso, o livro que ajudará nesse escopo será “*O Silmarillion*”, o qual, se não é o mais popular, é sem dúvida aquele que traz mais evidente a idéia de Deus, ainda que essa não fosse uma intenção consciente do autor.

Esse livro surgiu antes dos hobbits, antes do “Anel do Poder” e antes de qualquer intenção de criar uma série de histórias conectadas entre si⁴³. Porém, quando a mitologia do Anel começou a ganhar forma, o *Silmarillion* se mostrou um terreno fértil onde toda a história se enraizaria. Ele próprio foi remodelado para que essa função fosse mais bem desempenhada. Após o sucesso de *O Hobbit* e com a encomenda daquilo que viria a ser o Senhor dos Anéis, Tolkien ajustou seus manuscritos para que pudessem dialogar com as outras histórias e formar junto com elas uma única coisa.

Com isso fez com que o conjunto de seus antigos escritos se tornasse como que a mitologia do seu mundo fictício. Os personagens tanto de *O Hobbit* quanto de *O Senhor dos Anéis* se reportam aos escritos de *O Silmarillion* como os contos de uma tradição antiga que lhes fornece a identidade, a razão de ser e de estarem onde estão. Narrando a história da fundação de seu mundo, das forças que o mantém existindo ou que querem sua destruição, dos conflitos e alianças de seus antepassados, dos heróis que se deve louvar e dos vilões que

⁴² MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura**: Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994, p.7.

⁴³ TOLKIEN, J.R.R.. **O Silmarillion**. 5ª Ed. Martins Fontes, São Paulo: 2011, p. VII.

se deve temer. A narrativa de Númenor, por exemplo, estaria para Aragorn (o rei de Gondor contemporâneo aos eventos de *O Senhor dos Anéis*) como as narrativas de Atlântida estavam para um homem medieval. Ou ainda, as narrativas que apresentam Ilúvatar como criador do mundo estariam para Bilbo como as narrativas bíblicas de Elohim estão para o homem contemporâneo. Portanto, não seria inadequado dizer que esse livro constitui para os povos da Terra-Média como que suas escrituras sagradas.

As subunidades a seguir farão um percurso de apresentação dessa obra, porém não se atentará às minúcias específicas, senão aos elementos que poderão gerar a reflexão teológica a qual esse trabalho se destina. Portanto, se priorizará da narrativa aquilo que diz respeito à relação entre Eru, o deus supremo, e os Valar com os Filhos de Ilúvatar e o restante da Criação. Será muitas vezes evidente que, embora estruturada com inspiração direta das mitologias nórdicas, *O Silmarillion* carrega muitas características da mentalidade judaico-cristã, ainda que esse fato não tenha sido premeditado pelo autor. Tais características auxiliarão, no decorrer do trabalho, para que as referidas meditações teológicas sejam possíveis.

2. O SILMARILLION

2.1 AINUNLINDALË

A Orquestra de Eru

“Havia Eru, o Único, que em Arda é chamado de Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, e eles lhe faziam companhia antes que tudo o mais fosse criado”⁴⁴. Assim tem início o *Ainulindalë*, o primeiro capítulo do livro. Nele é apresentado o criador da realidade, Eru, o qual entre os elfos é chamado de Ilúvatar, ou seja, o “Pai de Tudo”. Ele deu origem aos outros “deuses”, sendo, portanto, o deus supremo. Apesar de o termo “deus” ser atribuído a todos eles, há uma clara distinção entre Eru e os demais, pois enquanto esses últimos são chamados de Ainur, ele é simplesmente “o Único”. A narrativa não contempla de onde teria vindo Eru, ou desde quando ele existia, nem o que fazia antes dos Ainur existirem. Parece que antes que esses fossem criados, Eru simplesmente era.

Ilúvatar criou os Ainur a partir do próprio pensamento. Depois receberam de seu criador a tarefa de executarem juntos uma Música. Para ajudá-los na tarefa ainda gozavam da inspiração da Chama Eterna dada também por Eru. Como cada um deles se originou de uma

⁴⁴ Ibid., p. 3.

fração da mente de Eru, possuíam algum conhecimento a cerca do tema musical proposto por ele, justamente aquele que correspondia a parte do pensamento do qual foram criados, todavia, não dominavam o todo. Por não conhecerem a Música totalmente, no princípio tocavam sozinhos, cada qual a parte da Música que lhe dizia respeito, enquanto os demais escutavam e aprendiam. Cresciam, portanto, no conhecimento da Música, deles próprios e de Eru. Quando haviam aprendido o suficiente para formarem a orquestra se reuniram para finalmente tocar juntos.

Da Música, tocada em harmonia entre os Ainur, surgiu tudo o que existe no universo. Cada ser que compõe o cosmos recebia a existência de uma parte da melodia. Então, assim como Ilúvatar havia transmitido o ser aos Ainur, esses últimos transmitiam-na a toda a Criação. Foi também da Música que no tempo designado por Eru seus “Filhos” surgiram, primeiro os elfos e depois os homens, “fadados ao sono”.

Tolkien constrói uma narrativa bastante solene para descrever a criação do universo onde se situa a Terra-média. Há notória semelhança entre o estilo empregado, o qual se difere daquele usado nas demais obras, com o estilo bíblico. Durante essa construção aparece um dos personagens mais importantes do livro: Melkor. Trata-se de um Ainu, mais poderoso e perfeito que os demais, recebeu de Ilúvatar mais dons e conhecimento da Música. Se esse fator seria determinante para que ele guiasse seus irmãos se tornou razão de sua soberba.

Ronald apresenta Melkor como um ser egoísta e prepotente que deseja receber destaque ao destoar dos outros Ainur. Ele não suportaria ter que repetir Eru, por isso desejava fazer sua própria melodia. Sua atitude provocava dissonância na orquestra. Outros Ainur foram seduzidos pela música disforme de Melkor e o seguiram em sua arrogância. Sendo assim, enquanto a harmonia dos deuses dava forma a Criação, a desarmonia de Melkor e de seus discípulos a distorcia e a deformava. Ilúvatar se levanta e censura Melkor e os seus e afirmando que a música precisa ter nele sua origem, caso contrário um grande mal terá ocasião de existir.

Quando Arda, ou seja, o mundo, se formou alguns Ainur tomaram corpos e desceram para habitá-la e governarem-na. Arda, embora tivesse forma, não havia sido concluída, ainda progredia conforme o desígnio da Música Magnífica. Melkor também é atraído por Arda e nela vai habitar. Contudo, já cheio de ódio e inveja, sem o menor interesse em partilhá-la com seus irmãos. Sua idéia, pelo contrário, é tiranizá-la e dá-lhe o aspecto que melhor aprazia sua auto-suficiência e egoísmo.

Assim se conclui a primeira parte de *O Silmarillion*. O conflito entre Melkor, seus irmãos e os outros habitantes de Arda será a força motriz pela qual a narrativa se desenvolve. Os próximos capítulos da obra não trarão mais Ilúvatar agindo diretamente, mas apenas citado por aqueles que agora vivem no plano material. Portanto, sua figura é revestida de uma área de Mistério, inclusive para os Ainur, que se o conheceram face a face no princípio, não entendiam completamente o seu propósito.

2.3 VALAQUENTA:

2.3.1 Dos Valar, dos Maiar e dos Inimigos

Assumindo corporeidade e indo morar em Arda os Ainur receberão dos Primeiros Filhos de Ilúvatar, isto é, dos elfos, o nome de Valar (plural de Vala), enquanto serão geralmente chamado de deuses pelos homens. Nem todos Ainur se dirigiram para a terra, mas os que fizeram isso receberam nomes e cada um deles controlava alguma força natural. Organizaram-se hierarquicamente e alguns casaram entre si. A Manwë, ligado aos ares e às nuvens, nascido do mesmo pensamento que originou Melkor, coube a posição real. Sua esposa é Varda, Senhora das Estrelas, a qual rejeitava Melkor desde o início e era por ele temida. A união de Manwë e Varda dá a cada uma deles maior potencialidade. Varda concede a seu esposo uma visão mais ampla e dele recebe maior audição. Há entre os esposos uma relação clara de complementaridade, esse tema será recorrente ao longo do livro e ocorrerá entre vários casais.

Os mares são controlados por Ulmo, o qual, vivendo sozinho não se fixa por muito tempo no mesmo lugar. Só não é mais poderoso que Manwë. Os dois eram grandes amigos, contudo, a partir do momento em que vieram para Arda, quase nunca se encontravam, Ulmo só participava da Assembléia dos Valar quando o assunto era de extrema importância. Sua voz é causa de pavor entre homens e elfos, mas os ama profundamente.

Os outros deuses são: Aulë, senhor de todas as substâncias que formam a terra, é também ferreiro e artífice; a esposa de Aulë chama-se Yavanna, a Provedora dos Frutos, tudo o que germina e cresce tem nela a sua origem e é por ela amado. Námo é o deus dos mortos e convoca os espíritos, jamais se esquece do que aconteceu e sabe de todas as coisas que Ilúvatar revelou; Námo é casado com Vairë, a Tecelã, a exemplo do mito grego das moiras,

forja a História; Irmo, o Mais Novo, e sua esposa, Estë, a Suave, são os deuses dos sonhos e do descanso respectivamente, o repouso é o seu dom; Nienna, que vivia sozinha, se entristece e pranteia com todos os males que Melkor provocava à Criação, seus conselhos inspiram a compaixão e a esperança na persistência, de todos os lugares prefere Mandos, a morada de Námo; Tulkas é um deus forte e veloz, não perde o bom humor nem quando se encontra na guerra, sua esposa é Nessa, aquela que corre com as corsas e visita os bosques; Oromë é irmão de Nessa, sua ira é temível e, como Tulkas, é guerreiro, caça monstros e quando toca sua trompa faz com que entres as nuvens se manifeste uma luz semelhante a do sol; Oromë é casado com a irmã de Yavanna, Vána, cujo caminhar faz com que as flores brotem do solo. Os deuses viveram na Terra-média até o fim da primeira guerra contra Melkor, depois disso rumaram para o oeste onde edificaram o Reino de Valinor. Dentre esses Valar nove são os mais importantes: Manwë, Varda, Ulmo, Yavanna, Aulë, Mandos, Nienna, Oromë e Melkor. Esse último, todavia, foi excluído por sua maldade.

Tolkien apresenta ainda outros seres espirituais que foram para Arda e lá tomaram forma material. Eram os Maiar, auxiliares dos Valar e hierarquicamente inferiores a esses. Existem muitos Maiar, contudo alguns merecem destaque. Entre eles Ilmarë, criada de Varda e Eönwë o porta-estandarte e arauto de Manwë. Também é notório um dos servos de Melkor, Sauron, cuja importância se estenderá na Terceira Era, a qual contém os fatos narrados em *O Hobbit e O Senhor dos Anéis*.

O último trecho da *Vaquenta* é dedicado aos “inimigos”. Nele se aprofunda o ciclo de Melkor e como ele, desejando possuir a Luz, cada vez mais se conduziu às trevas, tornando-se um contumaz mentiroso e um trapaceiro inveterado. Enganou muitas criaturas e as encheu com o seu ódio e sua inveja seduzindo-as para si. Entre os habitantes da Terra-média foi denominado Morgoth, “Sinistro Inimigo do Mundo”, e era muito temido por eles. Como já relatado, um de seus servos mais perversos era Sauron. Também se contam entre seus lacaios os terríveis demônios chamados balrogs (flagelos de fogo) que antes eram espíritos criados por Eru. Morgoth corrompia todos os que se deixavam envenenar por suas mentiras e distorcia a sua beleza originária, fazendo-os cada vez mais se distanciarem daquilo que eram no Pensamento de Ilúvatar

2.4 QUENTA SILMARILLION:

2.4.1 Do nascimento dos elfos e da prisão de Melkor

Quenta Silmarillon é a maior das partes do livro, possui vinte e quatro capítulos, nos quais é desenvolvido os temas principais: o surgimento de homens e elfos, a busca das silmarils e a guerra contra Morgoth.

Desde o princípio, ainda enquanto executavam a Música, os Valar sabiam do surgimento dos Filhos de Ilúvatar, isto é, elfos e homens. Eles não compreendiam plenamente quais eram os desígnios Dele para esses filhos, por isso não interferiram em sua criação, nada acrescentaram nem subtraíram da parte da Música da qual tanto elfos quanto homens vieram. Portanto, homens e elfos eram criação exclusiva da vontade de Ilúvatar. Não obstante o fato de não terem claro quais eram os planos de Ilúvatar para os homens, os Valar sabiam que no final de todas as eras esses se reuniriam a eles para junto com Eru executarem uma Segunda Música.

Era também do conhecimento dos Valar que os primeiros a surgir seriam os elfos e que isso aconteceria na Terra-média. Estavam ansiosos por isso, afinal de contas veriam se realizar aquilo que apenas vislumbraram na Música. Contudo, se encheram também de preocupação, pois as Sombras de Morgorth ganhavam cada vez mais forças e cresciam perniciosamente. Reuniram-se, então, para deliberar quais ações tomariam para proteger os Primogênitos de Ilúvatar. Durante as deliberações, Varda, por sua própria conta, cria estrelas para servirem de guia aos elfos quando esses surgissem. Por esse motivo eles serão chamados por Oromë de Eldar, o Povo das Estrelas.

As estrelas não foram a única criação de um Vala para iluminar as terras de Arda. Antes Aulë havia feito duas grandes lamparinas, cuja luz foi dada por Varda. Uma lamparina chamava-se Illuin e ficava no Norte, a outra ficava no Sul e era denominada de Ormal. Ambas foram destruídas por Melkor, antes que esse fugisse para o extremo da Terra-média. Depois, Yavanna com o poder de seu canto, fez com que brotassem e crescessem duas árvores em Valinor. Isso foi possível já que o solo estava regado pelas lágrimas de Nienna. Tais árvores, as quais foram a mais bela e importante criação de Yavanna, iluminavam toda Arda, já que possuíam uma luz fulgurante. Talperion e Laurelin eram seus nomes. A primeira era prateada enquanto que a segunda era dourada.

Enquanto isso Morgoth se isola no Norte da Terra-média, ali constrói a fortaleza de Utumno, a partir dela pretende expandir suas sombras por todo o mundo. Nesse período alimenta o seu ódio e inveja contra seus irmãos, maquinando contra eles e tecendo muitos planos para desbaratá-los. Cada vez mais se deixa mergulhar nas Trevas.

Quando os elfos finalmente surgem na Terra-Média as estrelas criadas por Yavanna já brilham no céu. Chamam a si mesmo de quendi, “povo que fala”, isso porque não conhecem qualquer outra criatura que se comunique. Já surgem tendo contato com as mentiras de Morgoth, o qual se antecipa a seus irmãos e difamando-os enche o coração dos quendi com o medo, para que dessa maneira eles fugissem dos Valar no momento em que estivesse frente a frente com eles. Por isso, quando Oromë, que cavalgava pela Terra-Média a procura dos elfos, finalmente os encontra os vê tomados por um temor inexplicável, alguns inclusive fogem para longe. A maioria, porém, permanece e passado algum tempo percebem que o receio era infundado.

Aqueles elfos que fugiram antes de conhecer Oromë tiveram a má sorte de se aproximar demais de Morgoth e caindo em suas armadilhas são corrompidos e desfigurados pelas terríveis artes e assim dão origem à nefasta raça dos orcs, que nada mais são que um arremedo abjeto dos Filhos de Ilúvatar. Esse foi considerado a mais perversa obra de Morgoth.

Oromë alerta os outros Valar que resolvem partir para a Terra-média com a intenção de por fim ao domínio de Morgoth. Tal motivo fez com que o Senhor do Escuro odiasse os elfos mais do que tudo e nunca os perdoasse, uma vez que foi por amor a eles que os Valar vieram guerrear com ele. Os Valar batalham contra Morgoth e seus lacaios. Esse último se refugia em sua fortaleza tentando desesperadamente se proteger. Tulkas, invadindo Ultumno, arranca-o de lá trazendo-o sob os grilhões fabricados por Aulë. Eles o levam a Valinor, ali Morgoth implora por clemência. Manwë decide que ele deverá ficar preso por três eras, após isso um novo julgamento deverá ser feito.

Nesse inteirem os Valar pretendem convencer os elfos a ir morar com eles em Valinor. Para esse intento resolvem nomear entre os elfos três embaixadores, os quais terão que persuadir o seu povo. Trazem os embaixadores a Valinor, quando esses vislumbram as Árvores ficam fascinados e desejam sem demora retornar com os seus para ali morarem. O nome desses embaixadores são Ingwë, Finwë e Elwë, serão no futuro os primeiros reis élficos.

Grande parte dos elfos concorda em se dirigir a Valinor, poucos permanecem na Terra-média, dando origem a povos que por algum tempo serão esquecidos. O grupo de Ingwë, que ficou conhecido como vanyar (palavra que significa “louros” e está ligada aos cabelos dourados deles), foi o primeiro a se dirigir à terra dos Valar. Os noldor, chamados “sábios”, eram os elfos comandados por Finwë, partiram logo em seguida aos vanyar. Elwë e

os seus foram não só os últimos a partir, mas os que mais demoraram no trajeto. Por esse motivo o seu grupo foi chamado pelos outros de Teleri, isto é, “relutantes”.

Outro fato importante dessa parte do livro é o que diz respeito à criação dos anões. Esses foram criados por Aulë a partir de rochas. O Vala, inspirado na criação de elfos e homens, resolveu trazer a existência essa nova raça. Ilúvatar não gostou dos anões, por isso ordenou que Aulë os destruísse. Muito entristecido o Vala tomou seu grande martelo para esmagar suas criaturas, Ilúvatar percebendo que Aulë amava os anões, mas que mesmo assim humildemente obedeceria a sua ordem, e enchendo-se de compaixão estendeu sua misericórdia aos anões, renunciando assim a ordem que havia dado. Ao saber do ocorrido Yavanna diz a Aulë que Ilúvatar é cheio de Misericórdia.

2.4.2 Das Silmarils e da destruição das Árvores

O grupo de elfos mais notórios do livro são os que descendem de Finwë, cujo primogênito é Fëanor que de tão impulsivo fez com que as forças de Míriel, sua mãe, se esvaíssem durante o parto, levando-a a morte. Fëanor, cujo nome significa “espírito de fogo”, usando parte da luz das Árvores forja as Silmarils, as quais ele tem por seu mais precioso tesouro. Finwë terá dois outros filhos, Fingolfin e Finarfin, esses nascidos de sua segunda esposa, Indis.

Enquanto os elfos habitam Valinor, Manwë beneficia Morgoth com um voto de confiança e o liberta de sua prisão. No entanto, para que nada se faça sem cautela, condiciona essa liberdade com o acordo de que Morgoth permaneça próximo para ser constantemente vigiado. É nesse período, em que se encontra vivendo entre os elfos, que Morgoth os envenena com suas mentiras, colocando-os uns contra os outros e contra os Valar.

Após algum tempo tramando contra os irmãos, Morgoth se aproveita de uma festa nos salões de Valinor e, com a ajuda de uma aranha gigante chamada de Ungoliant, ataca enquanto seus irmãos e os elfos estão distraídos. Juntos eles destroem as duas Árvores e fogem. Os Valar pedem as Silmarils a Fëanor, afirmando que, com a luz que emanava delas, pudessem reaver a vida das Árvores, porém o elfo se recusa, pois já estava insuflado de orgulho. Todavia as pedras não permaneceram muito tempo com Fëanor, isso porque Morgoth não tardou a reaparecer e invadindo Formenos, a fortaleza de Fëanor, rouba as

Silmarils, não sem antes matar Finwë que as guardava. Esse evento mergulha Fëanor em profunda ira e desejo de vingança, por isso, a revelia dos Valar, ele se decide por voltar a Terra-rédia para recuperar suas pedras e convoca todos os elfos do grupo dos noldor para acompanhá-lo, seus irmãos inclusive.

2.4.3 Da criação do sol e da lua e do Fratricídio

Com a destruição das Árvores, todo o mundo se envolve nas mais terríveis trevas. Para resolver o problema os Valar, utilizando-se daquilo que havia sobrado delas, criaram o sol e a lua. Colocaram-nos para fazer o trajeto do leste o para o oeste. Suas luzes, embora claras e potentes, não chegam a ser muito mais que fagulhas das luzes das Árvores e as crateras da lua seriam cicatrizes do ataque que elas sofreram.

Os noldor, por sua vez, partiram para a Terra-média para recuperar as Silmarils. Fëanor fez um Juramento que vinculará a si e aos seus filhos e os deixavam obrigados até que as pedras voltassem a sua posse. Tal Juramento se mostra desastroso passando a ser a causa de vários conflitos e batalhas sem sentido.

Um dos muitos fatídicos episódios envolvendo a campanha pelas Silmarils foi o “Fratricídio”, o qual marcou a chacina dos teleri promovida pelos noldor. Os teleri haviam se tornado grandes navegantes e suas embarcações eram o melhor meio de transporte para se chegar a Terra-média. Portanto, para se apossar dessas embarcações os noldor promoveram a matança dos teleri. As maquinações de Morgoth começavam a gerar o efeito por ele esperado, elfos passaram a matar elfos.

Quando chegam a Terra-média, os noldor logo se põem em batalha contra as forças de Melkor, formadas por orcs e balrogs. Fëanor é morto pelo líder dos balrogs após uma memorável batalha. Seus filhos, no entanto ficam obrigados a cumprir o juramento feito pelo pai.

2.4.4 Do surgimento dos homens.

Como já havia sido previsto desde o princípio da Música os homens surgem na Terra-média. Esses também são Filhos de Ilúvatar, mas, diferentemente dos elfos, estão fadados ao

Sono, ou seja, à morte, por essa razão somente homens contraem doenças e envelhecem. Eles nasceram junto à primeira luz solar nas terras ocidentais de Hildórien, por isso serão chamados de os Filhos do Sol. Não eram muito afeitos aos Valar, na verdade os conheciam apenas como rumores trazidos por aqueles elfos que jamais partiram para Valinor e os temiam mais que amavam. No entanto, Ulmo, o Vala do mar, nutria grande apreço pelos homens e com eles sempre tentava se comunicar através de inundações e movimento das águas. Por isso os homens sentiam certa atração pelas águas, porém dificilmente conseguiam compreender as mensagens que elas transmitiam.

Como surgiram depois dos elfos e como jamais moraram em Valinor, os homens não possuíam nem a sabedoria e nem a beleza dos seus Irmãos mais Velhos, também eram mais frágeis e morriam com maior facilidade. É por isso que, com a exceção de personagens proeminentes, as histórias envolvendo os homens não possuem tanto relevo no *Quenta Silmarillion*. Eles aparecem mais como coadjuvantes dos elfos, sendo seus vassallos ou, em algumas ocasiões, seus inimigos.

2.4.5 A queda de Gondolin

Em o *Silmarillion* o mal é um dos temas principais. A idéia de como a inveja, a soberba, o egoísmo e o ódio conduzem toda a Criação de Ilúvatar à destruição é muito bem articulada. Um dos momentos em que fica mais evidente essa intenção de Tolkien é quando ele narra o episódio da libertação de Húrin, que havia muito era prisioneiro de Morgoth. O Senhor do Escuro simulava compaixão, “mentia, porém, pois seu objetivo era que Húrin, antes de morrer, odiasse ainda mais elfos e homens”⁴⁵. O autor, dessa maneira, sugere que odiar é mais nocivo que perder a liberdade e ser torturado por anos.

Húrin, assim que liberto se dirige para as cercanias de Gondolin e urrando pragueja conta seu antigo suserano, isto é, Turgon. Portanto, Morgoth fica mais próximo de descobrir a exata localização da cidade. Ulmo, sabendo dos rumores de que Morgoth estava próximo de Gondolin, envia Tuor para avisar Turgon. Esse último dá de ombros ao mensageiro do vala dos mares. Tuor, que é humano, se casa com a filha de Turgon, Idril.

⁴⁵ TOLKIEN, J.R.R.. **O Silmarillion**. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 289.

Quando Morgoth finalmente descobre Gondolin atacou a cidade com todas as suas forças. O reino de Turgon é então desbaratado. Alguns remanescentes do povo conseguiram escapar liderados por Tuor e Idril, que a essa altura já tinham Eärendil, seu filho.

2.4.6 Eärendil e a Guerra da Ira.

Após a fuga os sobreviventes de Gondolin se refugiam nas Fozes do rio Sirion. Entre eles estava Eärendil, o qual, passado algum tempo, se tornou navegante. Eärendil se casou com a neta de Béren e Lúthien, Elwin. Deles nascerão os “meio-elfos”, Elros e Elrond.

Ao destruir Gondolin os poderes de Morgoth aumentam e com ele o seu domínio se estende pela Terra-Média. Dispersos e sem liderança nenhum povo da Terra-média tem condições de fazer frente ao Senhor do Escuro. Por esse motivo Eärendil, mesmo sabendo que isso contrariava a Lei, tomando seu barco, Vingilot, se dirige para Valinor na esperança de convencer os Valar a tomar partido dos povos da Terra-média. Sua jornada é bem sucedida e como recompensa Eärendil passa a viajar pelo céu com Vingilot portando a Silmaril resgatada por Béren e Luthien.

Os Valar mais uma vez se reúnem para guerrear contra o irmão decaído, dessa vez em favor dos Filhos de Ilúvatar. Esse conflito passa para a História como a “Guerra da Ira”. Juntos eles derrotam Morgoth e o aprisionam no “Vazio”. Contudo, permanecem na Terra-média alguns servos de Morgoth, entre eles os orcs, os wargs (espécie de lobo) e Sauron. Os balrogs são enterrados nas profundezas da terra. Também as mentiras de Morgoth permanecem entre os habitantes da Terra-média. O fim da Guerra da Ira marca o término da Primeira Era e do Quenta Silmarillion.

2.5 AKALLABÊTH

2.5.1 Númeror

No começo da Segunda Era os meio-elfos filhos de Eärendil devem escolher qual natureza assumir. Elrond opta por ser elfo enquanto Elros assume a humanidade. Elros vai para Númenor que se localiza numa ilha e dela se torna rei.

Númenor, preparada pelos Valar para ser habitada pelo povo de Elros, foi o reino humano mais próspero sendo clara e confessadamente inspirado na mítica Atlântida⁴⁶. Ficava em Númenor a montanha Maneltarna, local onde os numenorianos cultuavam Ilúvatar, aliás esse é o único relato em todo *legendarium* que se fala diretamente sobre religião. Ficava também na ilha a árvore Nimloth, a branca.

A vida dos descendentes de Elros era bastante comprida e com isso a sua dinastia se estendeu por muitos anos até que Al-Pharazon usurpou o trono. Al-Pharazon era um rei completamente arrogante e essa característica o fez ir até a Terra-média para desafiar Sauron, cuja força havia crescido até então.

Sauron se deixou fazer prisioneiro apenas como engodo, pois planejava levar Númenor à ruína. Passado algum tempo o Maia deixou de ser apenas um prisioneiro e tornou-se alto conselheiro do rei. Envenenou boa parte dos numenorianos com mentiras fazendo-os se encher de ambição. Levou-os ainda a profanarem a ilha com a construção de um templo dedicado a seu mestre Morgoth, onde eram realizados sacrifícios humanos. Os poucos numenorianos que se opuseram a essa corrupção foram chamados de “os fiéis” e foram perseguidos, entre eles estavam Elendil e seus filhos, Isildur e Anárion.

O ponto culminante da corrupção de Númenor se deu quando, convencido por Sauron, Al-Pharazon resolveu atacar os Valar. Comandando toda a sua frota ele se dirigiu para Valinor. Quando tomou ciência do fato, Manwë pediu socorro a Ilúvatar, esse abriu uma grande fenda no mar que trouxe tanto os navios do rei quanto a ilha de Númenor. Os únicos sobreviventes foram os Fiéis que, percebendo que o reino se aproximava da ruína, fugiram para a Terra-média, ali Anárion e Isildur, o qual trazia consigo as sementes de Nimloth, fundaram os reinos dos homens.

Foi assim que a Segunda Era viu o seu fim. Com a mudança na terra provocada por Ilúvatar a Terra-média se afastou de Valinor. Dessa maneira as Terras Abençoadas ficaram fora do alcance dos habitantes da Terra-média.

2.6 DOS ANÉIS DO PODER E DA TERCEIRA ERA

⁴⁶ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, p.147.

Na última parte de *O Silmarillion* são narrados os fatos que compõem o início da Terceira Era, na qual se desenrolarão tanto *O Hobbit* quanto *O Senhor dos Anéis*. Os reinos dos homens se consolidam, os “magos” aparecem na Terra-média, Sauron adquire poder e organiza as forças das trevas tornando-se o novo Senhor do Escuro.

Quando, após ter forjado os Anéis do Poder e, às escondidas, o Um Anel que os controlaria, o poder de Sauron atingiu o apogeu, homens e elfos se uniram em aliança para enfrentar o Senhor do Escuro. Teriam sido derrotados se a “sorte” não lhes sorrisse. No momento em que as esperanças quase se esvaíram algo surpreendente aconteceu: Isildur consegue ferir Sauron e o poder desse desaparece por muito tempo. Para aniquilar de uma vez por todas o poder do antigo Maia seria necessário destruir o Um Anel, porém Isildur se deixou seduzir pelo seu poder e resolveu permanecer com ele como espólio de guerra. A partir daqui segue-se a narrativa dos outros livros.

3. A MITOLOGIA DE TOLKIEN

3.1 Construção e influências

Alguns elementos da literatura de Tolkien são claramente inspirados em mitologias pagãs antigas, como a nórdica e a grega. A organização de Valinor com sua hierarquia e divisão por atribuição cósmica é muito semelhante ao panteão grego, no qual os doze principais deuses habitam o Monte Olimpo e são governados por Zeus. Os olímpicos se reúnem para banquetear e deliberar quanto ao destino do mundo⁴⁷, como acontece entre os Valar. Também Númenor, como já relatado, foi baseada na lenda grega de Atlântida, um reino mítico e de ciências avançadas e potente frota naval que após fracassar na invasão de Atena é submersa em um único dia⁴⁸.

Mais evidente é a influência nórdica no *legendarium*. Elfos, anões, dragões, batalha final, terra-média são temas presentes nessa mitologia, além disso, muitos termos e nomes próprios são diretamente retirados dela. Na mitologia nórdica, a exemplo da grega, também existe uma corte divina que é encabeçada por Odin⁴⁹. Todo o cosmo está contido numa grande árvore chamada Yggdrasil, constituída por nove mundos, entre os quais está Midgard (terra-

⁴⁷ HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Cultrix, 2006, p. 9-11.

⁴⁸ PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Coimbra: CECH, 2011. (Autores Gregos e Latinos), p.89.

⁴⁹ WOODHEAD, Henry (Dir.). *História em revista*. Tradução de Pedro Paulo Poppovic Consultores. V.7. Rio de Janeiro: Abril: Time Life, 1991, p. 16.

média), o mundo material, e Asgard, o reino dos deuses, onde se localiza os salões de Valhala, lugar no qual os guerreiros vikingues mortos em batalha aguardam a última batalha que acontecerá no Fim do Mundo, isto é, o Ragnarok⁵⁰.

Árvores eram muito relevantes para os nórdicos, isso não é só notável por Yggdrasil, mas também pelo fato de existirem muitas árvores sagradas ligadas a alguma divindade específica, como, por exemplo, o carvalho de Thór, o qual, segundo a lenda, foi cortado por São Bonifácio, patrono da Alemanha, e cuja madeira foi usada na construção de uma capela cristã. Tal relevância é transportada para *O Silmarillion* e muito bem representada pelas importantes árvores de Valinor, de Númenor e de Gondor.

O relato de Túrim Turambar também é repleto de referências à mitologia nórdica, de maneira especial à lenda de Siegfried. Esse último é talvez o herói mais popular dessa mitologia, ele recebe muito destaque na ópera “O Anel dos Nibelungos” de Richard Wagner. Como Túrim, Siegfried antagoniza com um dragão, por ele é amaldiçoado e o mata arditosamente com uma espada lendária.

Como visto no primeiro capítulo, não apenas o interesse, apreço e conhecimento de diversas mitologias foram decisivos para obra tolkiniana, mas também algumas experiências marcantes na vida do autor. Isso se dá porque “a imaginação que cria um mundo irreal inspira-se, para criá-lo, no mundo real, o que significa que não existe imaginação sem experiência do mundo”⁵¹. Dito isso, pode-se afirmar que existe em *O Silmarillion* temas que retratam as experiências de Tolkien, sejam elas da infância idílica, da vida acadêmica e familiar, dos momentos terríveis na Primeira Guerra e, por que não, da sua prática e compreensão religiosa. Com efeito, muitos elementos do livro têm grande semelhança com alguns aspectos do cristianismo e da literatura bíblica. A existência de um único Deus Criador (cf. Gn 1,1ss), a corrupção e queda de uma criatura de grande poder, proeminência e influência (cf. Ap 12,7-9 e Is 14, 11-15), o fratricídio que inaugura e representa a violência entre uma mesma raça (cf. Gn 4), a cobiça dos homens que os faz invejar os deuses (cf. Gn 11) e a ação divina que aniquila a iniquidade humana através de um cataclismo (cf. Gn 7 e 8)

⁵⁰ Ibid., p.16.

⁵¹ MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura**: Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.p.17.

são apenas alguns exemplos da influência cristã na obra. O próprio Tolkien comenta esses elementos e reflete sobre eles em uma carta enviada em resposta a um de seus fãs⁵².

É possível afirmar que, em alguns aspectos, a contribuição da noção religiosa cristã para a obra supera as das mitologias, tanto grega quanto nórdica. Um desses aspectos é a compreensão acerca de Eru, o qual, embora se assemelhe a Zeus e Odin pelo título “Pai de Todos” (Ilúvatar), diferente deles não é criado, não possui um início, sua existência não está condicionada a um evento ou ser anterior.

Na mitologia grega Zeus nasce de Réia, seu pai é Crono, filho de Gaia e Urano que por sua vez provêm do Caos. Enquanto isso, Odin nasceu de Borr e Bestla, a origem desses deuses se liga a Ymir, o primeiro ser. Esses deuses, embora sejam os principais de seus respectivos panteões não são eternos e mesmo Caos e Ymir, os seres primordiais, não existiam desde sempre, tiveram também eles um começo. Portanto, no que diz respeito à origem independente, Ilúvatar está em maior conformidade com o Deus cristão, pois ambos são incriados, dão origem a tudo o que existe por força da própria vontade, são princípio e fim de todas as coisas. Têm ainda entre si outras semelhanças que os afastam dos deuses gregos e nórdicos, entre elas está o fato de não se afetarem por vícios ou imperfeições e de possuírem as seguintes características: constituição espiritual, onisciência, onipresença, onipotência e unicidade.

Tolkien parte da idéia do Deus único para desenvolver o relato do surgimento de Eä (o universo) e Arda (o mundo). É verdade que Eru cria os Valar, que no princípio são chamados “deuses”, e com eles cria o mundo, porém uma análise cuidadosa dará conta de que existe grande diferença entre Eru e suas primeiras criaturas. Eru é o único onisciente, o único que possui domínio sobre a Música, ele é quem A compôs e A transmitiu para os Valar. Depois de ensaiar os temas da Música, esses últimos a executam junto ao Criador. Junto dele, portanto, participam da criação como colaboradores e somente enquanto obedecem ao tema original. Sendo assim, os valar não são “divinos”, ainda que controlem o cosmos, não possuem a mesma essência e potência de Eru, seriam mais análogos aos seres angélicos da tradição judaico-cristã que em alguns momentos estão associados aos poderes da natureza (cf. Ap 7). Então, é certo afirmar que tanto o Deus cristão quanto Ilúvatar não possuem parêntese.

⁵² TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, pp. 181-189.

Esses são apenas alguns exemplos da aproximação que existe entre o livro analisado e o cristianismo. No terceiro capítulo esses paralelismos serão melhor aprofundados. Foram aqui apresentados para que se tivesse idéia dos temas que exerceram influência no tecido do livro.

3.2 Mito e Tradição Religiosa

É interessante observar que apesar das semelhanças citadas entre a sua obra e o cristianismo, Tolkien jamais quis fazer de sua literatura uma alegoria da Fé que ele professava. Ao contrário de seu amigo C. S. Lewis que fez de “As Crônicas de Nárnia” uma verdadeira catequese sobre o Mistério cristão, motivado por sua meticulosidade, Tolkien apenas queria dar mais estruturação e plausibilidade a sua estória fantástica. Para que isso fosse possível ele se utilizou da linguagem mitológica como recurso e foi exatamente por isso que em alguns aspectos sua obra se aproximou de temas cristãos. Tais aspectos, porém, não são diretos e evidentes, não existem personagens que sejam um reflexo perfeito de Jesus Cristo, por exemplo. Mas é possível ao longo da narrativa ver algumas características de Cristo sendo encarnadas por esse ou aquele personagem em determinadas ocasiões. Portanto, é correto afirmar que, se existe uma Teologia na literatura tolkiniana, essa Teologia está “diluída” ao longo da obra e isso se deve, em muito, por sua opção pelo mito.

Antes que se possa falar especificamente da relação entre a linguagem do mito e o cristianismo se faz necessário apresentar os elementos que demonstram a estreita relação entre mito e qualquer discurso religioso existente. De fato, as mais diversas religiões se utilizam desse tipo de linguagem para expressar sua relação com o Mistério e isso se explica por três razões principais:

Primeiramente, a linguagem mítica tem a capacidade plurívoca, isto é, ela pode se desdobrar em muitos significados diferentes. Por isso é possível se fazer diversas hermenêuticas a partir de um mesmo mito sem que seu sentido seja esgotado. Essa característica faz do mito a linguagem mais oportuna para a transmissão da experiência com o Mistério. Uma vez que o Mistério possui sentido inesgotável, a experiência que se faz a dele possui muitos sentidos (não inesgotáveis, pois se o Mistério é ilimitado seu interlocutor não o é e quem faz a experiência é esse último), dessa maneira para que a mensagem seja transmitida precisa de um código que capaz de ser depositário desses sentidos. Como visto, o mito tem essa capacidade.

Diante do Mistério o ser humano se extasia, ele é como que assimilado pela “Totalmente Outro” que se apresenta e, por fim, percebe seu “*estado de criatura*, sentimento da criatura que se abisma no seu próprio nada e desaparece perante o que está acima de toda a criatura”⁵³, disso é exemplo a atitude de Abraão que quando “ousa falar com Deus da sorte dos habitantes de Sodoma (Gênesis 18,27), diz: ‘Tive a ousadia de falar contigo, eu que não passo de pó e cinza’”⁵⁴. É possível também citar como exemplo a famosa passagem do capítulo 39 do livro de Jó, no qual Deus demonstra a insignificância de Jó perante o seu Poder. E n’*O Silmarillion* há o exemplo dos elfos que se enchem de temor ao se deparar com Oromë⁵⁵. Tal encantamento pela potência do Mistério é o que provoca a incapacidade de adequá-Lo a conceitos e linguagem precisos e racionais. A saída que se apresenta mais eficiente é, portanto, a da metáfora, ou seja, do mito.

A segunda característica do mito está relacionada à primeira e que o torna oportuno às religiões é que ele faz com que a experiência primeva se torne presente aos ouvintes. Por essa razão Eliade fala do mito como aquilo que tem o poder de revelar o Mistério toda vez que é recitado⁵⁶, proclamando “a aparição de uma nova situação cósmica ou de um acontecimento primordial”⁵⁷ de determinada religião. Assim como o Templo é o “espaço do Sagrado”, ainda que esteja circundado pelo espaço profano, e o culto acontece no “tempo do Sagrado”, mesmo que o tempo cronológico esteja correndo, o mito é linguagem pela qual o Sagrado, não obstante a estar delimitado a palavras humanas, comunica a sua Palavra sempre atual. Essa característica estabelece uma ligação entre as experiências ancestral e atual. Por essa razão, os hebreus sempre se reportavam ao seu Deus como o “Deus dos Pais”. Moisés quando se dirige ao seu povo diz ter sido enviado pelo “Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó” (cf. Ex 3,15). Esse elo temporal que o mito promove foi utilizado em *O Silmarillion*.

Tolkien não somente construiu personagens que articulavam o enredo, ele quis dar a esses personagens antepassados, lendas, geografia, historiografia e eventos fundantes, cuja importância justifica suas ações, características e motivações. Assim, quando Aragorn, n’*O Retorno do Rei*, adentra a Cidade Branca de Gondor faz disso um acontecimento épico, pois carrega sobre si a linhagem dos antigos reis, principalmente de Isildur, aquele que veio de

⁵³ OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Edições 70. Lisboa: Edições 70, 1992, p.19

⁵⁴ Ibid., p.19.

⁵⁵ TOLKIEN, J.R.R.. **O Silmarillion**. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp.48-49.

⁵⁶ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p.107

⁵⁷ Ibid., p. 108

Númenor portando a Árvore Branca e derrotou o Senhor do Escuro. Muitas vezes na obra a mitologia é relembrada como elemento da tradição dos povos da Terra-média:

O Conselho de Erolnd está repleto de narrativas que remetem a acontecimentos anteriores ao período em que se desenrola a saga. Erolnd conta novamente a história dos Anéis do Poder e do Um Anel, das guerras travadas e do recrudescimento do mal. Por meio de sua narrativa, ele mesmo se torna uma figura mitológica ao mostrar que não é apenas um conhecedor da tradição, mas que esteve presente em grande parte desses acontecimentos, tendo já vivido três eras. No mesmo capítulo, Gandalf lê os registros de Isildur, trazendo a tona um documento remanescente dos tempos antigos.⁵⁸

O mito aparece, portanto, como elemento indispensável para que esse objetivo do autor fosse alcançado. É a mitologia criada por Tolkien quem embasa e torna plausível a idéia de uma ancestralidade na estória.

Por fim, a terceira característica da linguagem mítica diz respeito estritamente ao ser humano. O mito expressa não só o Mistério divino, mas também o mistério do homem. No seu livro “Os arquétipos e o inconsciente coletivo”, C.G.Jung aponta, não só para isso, mas para o fato de que o mito é expressão do ser do homem:

(...) O homem primitivo não se interessa pelas explicações objetivas do óbvio, mas, por outro lado, tem uma necessidade imperativa, ou melhor a sua alma inconsciente é impelida irresistivelmente a assimilar toda a experiência externa sensorial a acontecimentos anímicos. Para o primitivo não bastava ver o Sol nascer e declinar; esta observação exterior deve corresponder – para ele – a um acontecimento anímico, isto é, o que, no fundo, habita unicamente a alma do homem. Todos os acontecimentos mitologizados da natureza, tais como o verão e o inverno, as fases da lua, as estações chuvosas etc., não são de modo algum alegorias destas experiências objetivas, mas sim, expressões simbólicas do drama interno da alma, que a consciência humana consegue aprender através da projeção – isto é, espelhadas nos fenômenos da natureza. A projeção é tão radical que foram necessários vários milênios de civilização para desligá-las de algum modo de seu objeto exterior.⁵⁹

A sociedade pós-moderna tende a desprezar o mito, como se essa linguagem fosse falsificada e mesmo antagônica à verdade. Tal realidade se explica pelo fato de que para a pós-modernidade só se pode afirmar algo como verdadeiro se ele passar pelo crivo do empirismo científico⁶⁰. Porém, como visto acima, o mito tem a capacidade de transmitir a Verdade, embora possa ser também deturpado para fundamentar concepções falsas. Tolkien, não só sabia disso, mas, afirmava que os “mitos e contos de fadas, como toda arte, devem

⁵⁸ CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. **O Evangelho da Terra-Média**: leituras teológico-literárias da obra de J.R.R. Tolkien. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011, p. 138.

⁵⁹ JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 11ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014, pp.14-15.

⁶⁰ FRITSCH, Valter Henrique. **Atravessando limiares**: simbologia de passagem no romance de fantasia. Recorte, Três Corações, v.11, nº 1, jan-jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/issue/view/64>>. Acesso em: 08 ago 2017.

refletir e conter em solução elementos de verdade (ou erro) moral e religiosa, mas não explícitos, não na forma conhecida do mundo ‘real’ primário”.⁶¹

3.3 Mito e a Teologia veterotestamentária

Considerando as referidas características é que se fará uma apresentação da importância do relato mítico para a tradição judaico-cristã e suas teologias. Evitar-se-á, no entanto, o termo mitologia, pois ele é demasiadamente associado às tentativas pré-científicas de explicar os fenômenos da natureza, enquanto que na tradição judaico-cristã os mitos, embora possuam num tempo remoto o mesmo escopo, são usados e organizados com o objetivo primordial de codificar e apresentar a Teologia.

A Bíblia não contém narrativas mitológicas, porque a fé israelita expurgou os elementos fundamentais para tais relatos: o politeísmo e a magia. No entanto, conservou a índole de narrar miticamente as façanhas de um herói ou os fatos extraordinários ligados a um lugar.⁶²

Quando se estuda o Antigo Testamento é possível identificar uma porção de narrativas e personagens exemplares, que almejam transmitir a experiência do povo hebreu com o seu Deus, o qual quis

(...) na sua bondade e sabedoria, revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cf. Ef. 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cfr. Ef. 2,18; 2 Ped. 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex. 33, 11; Jo. 15,14-15) e convive com eles (cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com Ele. Esta “economia” da revelação realiza-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e confirmam a doutrina e as realidades significadas pelas palavras; e as palavras, por sua vez, declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido.⁶³

Essas palavras são aquelas que dentro do contexto histórico e cultural podem ser entendidas pelo ser humano. Deus tem o cuidado de se comunicar através de mediações que

⁶¹ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, p.141.

⁶² DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. **Leia a Bíblia como literatura**. Loyola: São Paulo, 2007. (Ferramentas bíblicas), p. 46.

⁶³ **Dei Verbum** n. 2

possibilitem o entendimento do homem, por isso “falou por meio dos homens e a maneira humana”⁶⁴. E em determinado tempo essa “maneira” foi a linguagem mítica.

São muitas as narrativas exemplares a que aludem os parágrafos acima. Boa parte delas tem em seu cerne a Teofania, isto é, a manifestação do Mistério de Deus a seu Povo. As teofanias são muito importantes, pois tem caráter fundante, não só para os relatos, mas para a própria formação do Povo. Certamente as narrativas exemplares mais importantes do Antigo Testamento são as das Alianças de Deus com Abraão e Moisés. Em ambos casos são apresentados eventos teofânicos.

Abraão, chamado o “Pai da Fé”, representa a tradição patriarcal que faz experiência de El ou Elohim, Deus dos clãs que se torna o amalgamador das tribos. A característica mais notória de Elohim é o fato dele ser um “Deus pessoal que se relaciona com as pessoas e que pode ser pensado e encontrado no nível do eu e do tu”⁶⁵. Esse Deus dialoga com Abraão no capítulo 12 do Gênesis, estabelece uma Aliança no capítulo 15, mas é no capítulo 18 do mesmo livro que se manifesta de modo mais íntimo. Durante uma visita, na qual aparece na figura de três forasteiros, Deus faz uma promessa ao patriarca: nascer-lhe-ia um filho, cuja posteridade, semelhante às estrelas do firmamento, não poderia ser contada. Enquanto essa descendência peregrinasse pela terra, Elohim a acompanharia e defenderia diante de todos os outros povos e a conduziria à Terra-Prometida, onde jorram leite e mel (cf. Ex 33,3).

No caso de Moisés a teofania é relatada em Exôdo 3 e se dá a partir do fenômeno extraordinário da sarça que arde em chamas mas não se consome. Aqui Deus se apresenta como Yahweh segundo alguns, nome que significa “Aquele que é”. É outra compreensão de Deus, mas que, pela construção estabelecida, faz questão de se identificar com o “Deus dos Pais”. Agora Ele passa a ser o Deus Libertador, Vingador do Povo e Resgatador (Go’el), que ouvindo o clamor de seu Povo vem a seu encontro. Após a libertação que ocorre em meio a intervenções prodigiosas, Yahweh estabelece agora uma Aliança com todo Povo, concedendo a ele mandamentos e estatutos a fim de que tivesse a vida e fosse digno das Promessas feitas.

Baseando-se na Fé que nasce das experiências de Abraão e Moisés, progressivamente algumas das tradições do povo serão tomadas, remodeladas e organizadas a fim de conferir

⁶⁴ *Dei verbum*, n. 12

⁶⁵ RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo**: preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. 6ª edição. São Paulo: Loyola, 2012, p. 92.

aos hebreus sua unidade e identidade. Assim, começa a ser estruturada toda história do Povo de Deus. A esse respeito diz o doutor Vicente Artuso:

Segundo os estudos do modelo de Münster proposto por P. Weimar e E. Zenger, o Pentateuco apresenta esta evolução: antes do ano 700 a.C., havia a história primitiva e os círculos narrativos orais, os quais, a partir de 650 a.C., serviram para formar a obra histórica de Jerusalém.⁶⁶

Diz o professor português Armindo Vaz que os hebreus “não reverberaram simplesmente a tradição oral. ‘Como verdadeiros autores’, seleccionaram e arranjaram, livremente e com originalidade, materiais tradicionais antigos em função dos seus propósitos e da fé da comunidade destinatária”⁶⁷.

Justamente servindo-se das tradições míticas e com o escopo de buscar unidade e identidade os onze primeiros capítulos do Gênesis são confeccionados. Tal bloco se inicia com duas narrativas cosmogônicas. A primeira, presente em Gn 1,1-2,4a, demonstra como Elohim deu forma ao Caos ao longo de seis dias. Já a segunda, compreendida em 2,4b-25, apresenta Yahweh modelando o homem a partir da terra e lhe soprando nas narinas o espírito da vida. Sozinho o Deus de Abraão e Moisés lança os alicerces do mundo e traz todas as coisas à existência. Portanto, não há outra divindade capaz de concorrer com o único Deus. A partir do capítulo 3 são apresentados outros mitos, como Queda do homem, os querubins e a espada fulgurante que guardam o Éden, o primeiro homicídio e a descendência de Adão e Eva, o Matrimônio dos anjos, o Dilúvio e Aliança do Arco Iris, da Torre de Babel. Esses relatos discorrem sobre a formação dos povos da terra, o início da perversidade e do drama humanos, sobre a intervenção de Deus na história e a eleição de alguns personagens justos.

Interessante notar das Sagradas Escrituras resquícios mitológicos das antigas tradições utilizadas pelos hebreus. Alguns deles podem ser anteriores a própria compreensão monoteísta, como por exemplo, em Gn 6,2; Dt 32,8; Sl 29,1; 89,7; Jó 1,6; 2,1 e 38,7, onde aparece os *Filhos de Deus* que, de modo explícito em Jó, formam a corte celestial. Esses “Filhos de Deus citados em Sl 29,1s e Sl 89, 7b são deuses. Eles se prosternam diante de Iahweh, adorando-o e não sustentam nenhuma disputa contra ele”⁶⁸. E em Sl 82,1 se lê: “Deus preside a assembléia divina em meios aos deuses ele julga”. Também os relatos do

⁶⁶ ARTUSO, Vicente. **A Teoria documentária do Pentateuco**: aplicação e limites na análise de Nm 16-17. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, n. 41, p. 279-300, maio a agosto/2012. p. 282.

⁶⁷ VAZ, Armindo dos Santos. **No princípio da Bíblia está o mito**: A espiritualidade dos mitos de criação. Didaskalia, Revista da Faculdade de Teologia. Lisboa, n. XXXVII, Fascículo I, p. 45—79, 2007, p. 48.

⁶⁸ LORETZ, Oswald. **Criação e mito**: homem e mundo segundo os capítulos iniciais do Gênesis. São Paulo: Edições Paulinas, 1979. (Estudos bíblicos), pp. 33-34.

Grande Dilúvio e da Arca de Nóe possuem muitas similaridades com a semi-lendária epopéia mesopotâmica de Gilgamesh, na qual certo Utnapishtim recebe o encargo de abandonar todos os seus bens e construir um navio para se salvar de uma grande inundação. No interior da embarcação deveria carregar toda a sorte de sementes. Há ainda outros seres fantásticos que podem ser citados: Nefilins (Gn 6,4), Serpentes Abrasadoras (Nm 21,6), o Behemot (40, 15-24), o Leviatã (Jó 40,25 – 41,26).

3.4 A linguagem mítica e o Cristianismo

Se existe contribuição da linguagem mítica para o Cristianismo ela está na estreita ligação que ele tem com a tradição do Antigo Testamento e no modo como transpõe em palavras o Mistério cristão. Com efeito, o cristianismo entende Jesus como a plena realização de Adão, da promessa feita a Abraão, das Leis entregues a Moisés, da Libertação promovida por Yahweh e da Eleição do Povo.

Há nos escritos neotestamentários a clara preocupação de relacionar os ditos e feitos de Jesus com as Escrituras precedentes. Jesus é apresentado como aquele que cumpre os prenúncios dos profetas (cf. Lc 24,25-27), leva a Lei à perfeição (cf. Mt 5,17-19) e inaugura um novo tempo ao restaurar a aliança com Deus num nível que existiu apenas na aurora dos tempos (cf. Rm 5,12-21).

Os Evangelhos não apenas apresentam a vida de Jesus como história exemplar, mas a todo instante trazem-na como manifestação definitiva dos fatos que já se manifestaram aos antigos. De fato, tal qual Moisés, vemos Jesus ainda criança sendo perseguido pela tirania do rei (cf. Mt 2, 16-18) e subindo a montanha para transmitir os Mandamentos (cf. Mt 5), como Elias, Ele ressuscita o filho da viúva (cf. Lc 7,11-17), como Isaac, Jacó e Moisés, Jesus encontra-se como uma mulher junto ao poço (cf. Jo 4, 5-42). Esses são apenas alguns exemplos dos numerosos paralelos traçados entre Jesus e o Antigo Testamento. Quanto à estreita relação entre o Novo e o Antigo Testamento declara a Constituição Dogmática *Dei Verbum*:

Foi por isso que Deus, inspirador e autor dos livros dos dois Testamentos, dispôs tão sàbiamente as coisas, que o Novo Testamento está latente no Antigo, e o Antigo está patente no Novo (2). Pois, apesar de Cristo ter alicerçado à nova Aliança no seu sangue (cfr. Lc. 22,20; 1 Cor. 11,25), os livros do Antigo Testamento, ao serem integralmente assumidos na

pregação evangélica (3) adquirem e manifestam a sua plena significação no Novo Testamento (cfr. Mt. 5,17; Lc. 24,27; Rom. 16, 25-26; 2 Cor. 3, 1416), que por sua vez iluminam e explicam.⁶⁹

Muitas vezes os autores cristãos recorreram aos mitos da tradição judaica para elucidar alguns ensinamentos. Como exemplos se podem citar a segunda epístola de São Pedro que, ao falar sobre o Julgamento Final, traz à tona o Dilúvio, Noé, Ló, Sodoma e Gomorra. Por sua vez, São Judas na sua carta faz alusão ao Matrimônio dos anjos e a um relato do apócrifo “Assunção de Moisés”, onde Miguel e o Diabo têm uma disputa envolvendo o corpo de Moisés.

Não é só no Novo Testamento, entretanto, que se podem achar esses paralelismos com o mito. Em seu livro “O sagrado e o profano”, Mircea Eliade faz uma citação de um discurso de São Cirilo de Jerusalém, no qual ele discorre sobre o batismo:

Há, antes de tudo, a valorização do batismo como descida ao abismo das Águas para um duelo com o monstro marinho. Esta descida tem um modelo: o do Cristo no Jordão, que era ao mesmo tempo uma descida nas Águas da Morte. Conforme escreve Cirilo de Jerusalém, “o dragão Behemoth, segundo Jó, estava nas Águas e recebia o Jordão em sua garganta. Ora, como era preciso esmagar as cabeças do dragão, Jesus, tendo descido nas Águas, atacou a fortaleza para que adquiríssemos o poder de caminhar sobre os escorpiões e as serpentes”.⁷⁰

Em outro exemplo vê-se Clemente Romano se referindo ao mito não cristão da fênix, pássaro de fogo que renasce das próprias cinzas, para ensinar à comunidade de Corinto à cerca ressurreição dos mortos.⁷¹

Ademais, Jesus encarna e leva à plenitude aqueles elementos que os mitos aspiram revelar. Ele é a Teofania no seu mais alto grau, tornando patente aos homens a face do Pai que antes era inefável (cf. Jo 14). Se a cosmogonia apresenta uma realidade primordial que está para além da História, em Jesus ela se torna histórica. (cf. Jo 1). Além disso, n’Ele a Verdade, que a linguagem mítica pretende transmitir, torna-se pessoa (cf. Jo 14,6). Enfim, Jesus é a resposta para todos os anseios que alma humana projeta nos mitos. Seria exagero dizer que Cristo é o mito encarnado?

⁶⁹ **Dei Verbum** n.16

⁷⁰ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p.143.

⁷¹ **PADRES APOSTÓLICOS**. São Paulo: Paulus,1995. (Patrística), p. 42.

3-Capítulo III- A Teologia n'O Silmarillion

Análise sobre o conceito de Criação no livro de Tolkien

O tema principal de *O Silmarillion* é o da criação da realidade por Eru/Ilúvatar e de como essa criação se desenvolve ao longo do tempo. Tendo em vista que a Criação é também uma realidade refletida pela Teologia cristã se partirá dela para fazer a aproximação e análise teológica da obra citada. Para isso se apresentará os elementos de um e de outro que tenham alguma similaridade entre si.

1. Deus em *O Silmarillion*

1.1 Deus é único

Uma das primeiras coisas que o leitor d'*O Silmarillion* perceberá, ainda que não esteja ciente da Fé professada por Tolkien, é que existe um deus no livro. E esse deus é único, conforme se averigua já no início do "*Ainulindalë*" (primeira parte do livro): "Havia Eru, o Único, que em Arda é chamado de Ilúvatar."⁷² Não só a alcunha de Eru lembra que ele é singular, mas seu nome próprio significa "O Um", "O Que é Só"⁷³. Eru é o único em sua natureza, não existindo um exemplar igual a ele.

Tema inicial do livro de Tolkien, a singularidade de Eru é atributo essencial do Deus cristão, ao qual o autor inglês prestava devoção. De fato, o cristão ao recitar seu símbolo de Fé inicia pela afirmação "Creio em um só Deus".

A confissão da Unicidade de Deus, que tem a sua raiz na Revelação Divina na Antiga Aliança, é inseparável da confissão da existência de Deus, e igualmente fundamental. Deus é Único: só existe um Deus: "A fé cristã confessa que há um só Deus, por natureza, por substância e por essência".⁷⁴

Essa característica já passou para a Tradição cristã como herança da religião hebraica, na qual a primeira encontra a sua fonte. Afirmar a Unicidade de Deus era fator importantíssimo para o Povo hebreu e constitutivo de sua identidade. Com efeito, o texto de

⁷² TOLKIEN, J.R.R.. *O Silmarillion*. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 3.

⁷³ *Ibid.*, p.416.

⁷⁴ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, n. 200.

Deuteronômio 6,4 é recitado como profissão de Fé para os judeus até a atualidade. Diz o texto: “Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh!”. A respeito dessas palavras o versículo 7 acrescenta: “Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé”

Tal profissão de Fé, porém, não apareceu na História de Israel e, por conseguinte, na História humana, senão através de um processo progressivo de tomada de consciência. Nem sempre se entendeu que só havia uma única divindade. No princípio Israel não negou a existência dos demais deuses, mas prestava a um só o culto e entregava a um só a vida, ou seja, a Elohim, o Deus dos patriarcas. Em outras palavras: no início a religião hebraica não era ainda monoteísta, mas monolátrica, isto é, embora não negasse a existência de outros deuses, prestava a um só a adoração.

Por esse motivo, Moisés pergunta a Deus, o qual aparece em meio à Sarça Ardente: “Quando eu for aos israelitas e disser: ‘O Deus de vossos pais me enviou até vós’; e me perguntarem: ‘Qual é o seu nome?’, que direi?” (Ex 3,13). Esse questionamento indica que o Deus Libertador poderia ser confundido com os demais deuses que habitavam a mentalidade israelita. Com o passar do tempo, contudo, Israel evolui da monolatria para o monoteísmo, a compreensão da existência de uma única divindade. Daí se lê em Isaias 44,6: “Eu (Iahweh) sou o primeiro e o último, fora de mim não há Deus”, os outros deuses são meros ídolos que, conforme o salmista, “têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem” (Sl 115,5). Essa evolução representa um grande salto na compreensão teológica.

Como rejeição dos deuses, o gesto opõe tanto ao endeusamento dos poderes políticos quanto ao endeusamento do movimento cósmico do retorno eterno. Se podemos afirmar que a fome, o amor e o poder são as forças que movem a humanidade, então podemos ampliar essa afirmação com a constatação de que as três formas fundamentais do politeísmo são a adoração do pão, a adoração do Eros e a idolatria do poder. As três atitudes são aberrações e absolutizações de elementos não absolutos, levando, por isso mesmo, à escravização do homem. Mas a profissão de fé de Israel é, como dissemos, uma declaração de guerra a essa adoração tripla, constituindo, por isso, um ato de máxima importância na história da libertação do homem.⁷⁵

Como toda compreensão teológica se desdobra em realidade prática, a ideia de unicidade de Deus garante unidade e a comunhão ao Povo de Israel e depois à Igreja cristã. De fato, a comunidade que adere ao Deus único procura ser sinal Dele no mundo concreto. Assim, pelo propósito de servir um mesmo Deus, as Doze Tribos de Israel se vêem como

⁷⁵ RATZINGER, Joseph. **Introdução ao Cristianismo**: preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. 6ª edição. São Paulo: Loyola, 2012, p. 83.

irmãs. Depois, entendendo que só existe um único Deus, percebe-se que deve existir único Povo, o qual abranja toda a comunidade humana e dessa forma mine toda e qualquer pretensão de se colocar um grupo humano acima de outros.

Eru, a exemplo de Iahweh, garante aos povos de Arda uma idéia de unidade. Tanto elfos quanto homens possuem a origem em Eru, não faz sentido, portanto, que um povo se levante contra o outro, pois todos eles nascem do pensamento harmonioso de Deus.

1.2 Deus é Pai

Se a Unicidade de Deus já garante à humanidade uma motivação para perseguir a unidade, quanto mais se pode dizer da Paternidade Divina. O fato de Deus ser o Pai de toda humanidade faz com que a relação entre os homens deixe de ser apenas um vínculo entre as criaturas e passe a ser a relação entre irmãos.

Certamente, a idéia de que Deus é Pai já está presente no Antigo Testamento. Deus chama Israel de primogênito (cf. Ex 4,22). Em 2 Sm 7,14, ao prometer a vinda do Descendente de Davi, Deus promete: “Eu serei para ele como pai e ele será para mim filho”. Além disso, Ele se denomina como Pai dos órfãos e das viúvas (cf. Sm 68,6).

Contudo, se a Paternidade de Deus já era entendida por Israel, na tradição cristã ela será elevada substancialmente na pessoa de Jesus de Nazaré. Já no início do Evangelho de Marcos, quase unanimemente considerado o primeiro dos quatro, Jesus recebe o título “Filho de Deus”. Com efeito, Jesus não só chama a Deus de Pai, mas ensina os seus discípulos a fazerem o mesmo na oração do Pai-Nosso. Nos ensinamentos de Jesus, Deus aparece como Pai Amoroso e Misericordioso (cf. Lc 15, 11ss), o qual tal qual a galinha deseja recolher seus filhos sob as asas (cf. Mt 23, 37). Ademais, é com o termo *Abba*, isto é, “Papaizinho”, que Jesus se dirige a Deus, demonstrando com isso uma relação totalmente íntima.

A Paternidade de Deus não se restringe apenas ao tempo cronológico, pois já na Eternidade Ele gerou o Filho. Esse Filho é o Verbo, com o qual o Pai criou tudo o que existe e que na plenitude dos Tempos “desceu dos Céus e se encarnou pelo Poder do Espírito Santo e se fez homem” na pessoa de Jesus. Assim, pode-se afirmar que ser Pai é algo constitutivo de Deus. Santo Agostinho faz essa indicação ao discorrer sobre a Trindade, “o Pai só pode ser

Pai enquanto há eternamente um Filho relacionado filialmente ao Pai. [...] Assim, somente o Pai é origem, fonte, princípio sem princípio, porque é Pai”⁷⁶

N’*O Silmarillion*, Eru também é apresentado como pai. Dos elfos ele recebe o nome Ilúvatar que significa “Pai de Todos”. De fato, os elfos são chamados de seus “Filhos Primogênitos”, enquanto os homens são referidos como “Sucessores”, pois nascem na seqüência. Assim, existe outra aproximação entre o Deus cristão e aquele que é apresentado na obra de Tolkien.

1.3 Também a Trindade aparece na obra?

Ser comunhão perfeita de Três Pessoas realmente distintas é a característica mais marcante do Deus professado pelo cristianismo e, portanto, por Tolkien. Realmente, o Deus Uno e Único dos hebreus se revela por meio de Jesus Cristo como Uno e Trino. Partindo da Revelação da Santíssima Trindade todas as Escrituras recebem nova interpretação por parte do cristianismo, inclusive os relatos cosmogônicos.

Toda obra da Criação é vista no cristianismo como procedente da Trindade. É a na Comunhão Trinitária que tudo o que existe é criado. Entende-se que a Criação não é produto da ação isolada de uma das Pessoas Trinitárias, mas da interação de todas as três, nenhuma delas age em separado, pelo contrário todas têm plena participação na Criação.

Embora se diga na Teologia que a Criação é uma “apropriação” do Pai, entende-se que também o Filho e o Espírito Santo participam dela. Isso porque enquanto cria o Pai “serve-se” de suas “duas mãos”, ou seja, o Filho e o Espírito Santo.

Evidentemente estamo-nos expressando de forma figurada, metafórica: Deus, ao criar, utiliza-se de “duas mãos”. É uma metáfora rabínica, pré-cristã, e se referia à Lei e à Sabedoria. Segundo uma Teologia judaica, a Lei e a Sabedoria existiam antes da Criação, junto de Deus. Conforme as medidas e estruturas da Lei, ou seja, da justiça e da ordem, Deus deu forma e ordem a todas as coisas.⁷⁷

⁷⁶ SUSIN, Luiz Carlos. **A Criação de Deus**: Deus e Criação. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003. (Livros básicos de teologia; 5), p. 36.

⁷⁷ Ibid., p. 38.

Em Filão de Alexandria fala-se dessas “Duas Mãos” como Hipóstases, isto é, um atributo que pertence a de Deus e sem o qual Deus não seria o que é. Seriam hipóstases Dele a Sabedoria e o Logos (Verbo/Palavra).

Santo Irineu, teólogo da primeira geração cristã pós-apostólica e bispo de Lyon, no sul da França, fez a transposição da metáfora das “duas mãos” para a nova experiência Cristã: desde antes da criação, junto do Pai, estão o Filho e o Espírito. Aquilo que se dizia da Lei e da Sabedoria agora se pode dizer apropriadamente do Filho e do Espírito, duas mãos do Pai no trabalho da criação. Irineu, no entanto, se inspira no prólogo de João e nos hinos e reflexões que estão nas cartas paulinas para detalhar o que ele entende dessa sugestiva expressão.⁷⁸

Para a hermenêutica cristã já no primeiro relato da Criação tanto o Espírito quanto o Filho estão presentes. O Espírito Santo é a *Ruah* (Sopro) de Deus que paira sobre as águas do caos (cf. Gn 1,2) e dinamiza a formação do mundo. Por sua vez, o Filho é o Verbo (Palavra) pelo qual o Pai convoca os seres à existência, assim, por exemplo, para criar a luz Deus expressa o Verbo “Faça-se a luz” e a luz se fez (cf. Gn 1,3). Fica evidente, portanto, que a Criação no cristianismo é obra conjunta das Três Pessoas em Deus, isto é, Pai, Filho (Verbo) e Espírito (Sopro).

Essa consciência de que a Criação é Obra da Trindade é decisiva para a Teologia cristã. Partindo dela se desenvolve a noção de que a comunhão entre o homem seus semelhantes e o meio que o cerca deve ser reflexo da Comunhão Trinitária que os gerou.

Após essa explanação parte-se para a análise a que esse trabalho se destina. Por isso se levanta os seguintes questionamentos: é possível encontrar alguma referência à Trindade em o *Silmarillion*? Existe no livro alguma semelhança entre Eru e o Deus Uno e Trino? Para ambas as questões a resposta é: “talvez”.

Em uma de suas cartas Tolkien diz que a sua mitologia, embora contenha “deuses” (ele usa as aspas para indicar que não se tratam realmente de divindades), pode ser aceita “por uma mente que creia na Santíssima Trindade”⁷⁹. Não existe, contudo, uma clara indicação de que o autor pretenda apresentar Eru como uma Trindade. Apesar disso, dois elementos podem ser interpretados como alusivos ao Verbo e ao Espírito, são eles a Música e a Chama Imperecível, respectivamente.

⁷⁸ Ibid., p. 37.

⁷⁹ TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). **As cartas de J.R.R. Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006. P.carta 131

Ao passo que todas as coisas são criadas através da Música, ela tem no livro uma atribuição que é do Verbo no relato bíblico, por meio dela “todas as coisas foram feitas”. Se no Gênesis todas as coisas passam a existir em obediência à Palavra proferida por Deus, n’*O Silmarillion* o cosmos irrompe da Música tocada pela orquestra de Ilúvatar.

Quanto à semelhança entre o Espírito Santo e a Chama Imperecível ela pode ser percebida no fato de que ambos são a origem da Existência e a inspiração dada às criaturas. No símbolo niceno-constantinopolitano se afirma a respeito do Espírito: “Cremos no Espírito Santo, Senhor que dá a vida”. A característica de dar vida ou existência as coisas é própria da Chama Imperecível. Por isso, em determinado momento, Melkor pretende roubá-la para que também ele seja criador: “muitas vezes, Melkor penetrara sozinho nos espaços vazios em busca da Chama Imperecível, pois ardia nele o desejo de dar Existência a coisas por si mesmo”⁸⁰. A Chama Imperecível é ainda apresentada como dom Eru aos Ainur, cuja inspiração confere a capacidade de executar a Música conforme indicada pelo Criador.

Esses são os alguns paralelos possíveis com relação à Trindade. Porém não é prudente afirmar que o estreitamento proposto seja inequívoco, caso contrário forçar-se-ia o texto a exprimir algo que talvez o autor sequer supusesse o que seria um desrespeito à obra. A intenção em apresentá-lo constitui-se somente como um vislumbre à possível ocorrência de uma compreensão trinitária no livro.

Todavia, se não é possível assegurar que n’*O Silmarillion* a Criação é claramente obra trinitária ao menos se pode dizer que, como na compreensão cristã, ela não é um trabalho isolado e individual de Deus. Isso se deve ao fato de que também Eru não cria o cosmo sozinho, mas divide essa tarefa com suas primeiras criaturas, os Ainur. Assim, guardando as devidas proporções, como no cristianismo a Criação no livro de Tolkien é também obra comunitária.

⁸⁰ TOLKIEN, J.R.R.. *O Silmarillion*. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.. 4.

2. A Criação de Ilúvatar

2.1 Os relatos da Criação

Agora se passará a uma análise do processo criacional, na mitologia de Tolkien, traçando-se o paralelo com a tradição judaico-cristã. Abaixo se apresenta os dois primeiros versículos do Gênesis, os quais fazem parte do primeiro relato da Criação que, segundo estudiosos, teria sido o último a ser escrito.⁸¹

No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas. (Gn 1,1-2)

Em seguida está transcrito o primeiro parágrafo do *Valaquenta*, segundo livro d'O Silmarillion, no qual a criação é narrada.

No início, Eru, o único, que no idioma élfico é chamado de Ilúvatar, gerou de seu pensamento os ainur; eles criaram uma Música magnífica diante dele. Nessa Música, o Mundo teve início; pois Ilúvatar tornou visível a canção dos Ainur, e eles se enamoraram de sua beleza, e também de sua história, cujo início e evolução testemunharam como numa visão. Então, Ilúvatar deu Vida a essa visão e a instalou no meio do Vazio; e o Fogo Secreto foi enviado para que ardesse no coração do Mundo; e ele se chamou Eä.⁸²

Como se pode ver existem alguns conceitos que se repetem, são eles: Deus, a idéia de um início, o Vazio, uma hipóstase de Deus que está na terra (o Sopro/Espírito no Gênesis e o Fogo Secreto n'O *Silmarillion*). Abaixo se apresenta um resumo de cada um desses conceitos:

1-Deus, como exposto acima, é único, paterno e não possui um início. Ele já era antes que tudo o mais fosse. Possui em si todo o Ser, todo o sentido e, para se usar linguagem aristotélica, possui tudo em "Ato". Deus motivado por Sua Vontade forma o cosmos e "chama à existência as coisas que não existem" (Rm 4,17), não porque tenha alguma necessidade de fazê-lo, mas como um gesto de total generosidade e gratuidade.

2-A *priori*, entende-se por "início" a inauguração do tempo cronológico e de todo o universo. Trata-se do ponto de partida para a Criação, ela tem "início". Nos parágrafos seguintes se procurará abordar a Criação como algo não acabado ainda, mas que se inicia e se

⁸¹ Cf. SUSIN, Luiz Carlos. **A Criação de Deus: Deus e Criação**. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003. (Livros básicos de teologia; 5), p.47.

⁸² TOLKIEN, J.R.R.. **O Silmarillion**. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 15.

desenvolve na expectativa de uma conclusão. A *posteriori* se entenderá por “início” ou “princípio” não apenas o começo da cronologia, mas, sobretudo, a base fundamental da Criação. Essa idéia será melhor abordada mais para frente.

3-Antes que qualquer coisa existisse só havia o Vazio, o Caos, o Não-Ser, o nada. Isso é o que significa a afirmação do Gênesis de que a “terra era vaga e sem forma”. Esse Vazio é exatamente o oposto de Deus.

4-Já a hipóstase de Deus, o Sopro bíblico e o Fogo Secreto tolkiniano, é a força que auxilia na Criação dando forma e “visibilidade” para aquilo que está sendo criado. A partir dela é que se concede a existência, sem ela nada foi feito. Por essa razão, Melkor, que deseja sua própria criação, cobiça a Chama para si.

2.2 A Criação não é um evento isolado no passado.

Não se deve pensar a Criação como um evento apenas relegado ao passado, como algo pronto e acabado e possuidor de imutabilidade. Ela deve ser compreendida como um processo evolutivo que acena para um futuro, no qual se torna pleno. Por isso, pode-se afirmar que a Criação é escatológica, visto que essa completude se atingirá no fim da História. Esse “fim” último é Deus.

Essa perspectiva marca já a teologia mais antiga de Israel. Ela se fundamenta na convicção de que Deus seja um Deus que atua, que intervém de maneira concreta e ativa na história, um Deus imanente, atuante nos processos históricos. Ele conduz os mesmos para um cumprimento último daquilo que podemos chamar de projeto escatológico de Deus. Esse projeto é realizado no interior da história humana. Ele surge no decorrer de um processo dialético no curso temporal do mundo. Esse processo, por sua vez, está marcado por tensões dialéticas, por altos e baixos, por derrotas, catástrofes e eventos felizes. Não obstante todas as contradições, mantém-se a fé na presença fiel de Deus, assim como ela é reforçada sempre de novo na teologia da aliança.⁸³

Se já é possível vislumbrar a Criação como realidade progressiva e que busca uma meta no Antigo Testamento, será no Novo Testamento, principalmente com o anúncio do Reino de Deus, que essa concepção se torna mais patente.

⁸³BLANK, Renold. **Deus e sua Criação**. São Paulo: Paulus, 2013, p. 267.

Jesus anuncia o Reino de Deus como realidade que já está presente no meio dos homens, mas que ainda não atingiu o seu apogeu, algo que acontecerá quando o Filho de Deus vier novamente em sua Glória (cf. Mt 25).

São Paulo, por sua vez, apresenta o próprio Cristo como um Novo Adão que restaura toda a Criação, apagando a culpa do primeiro homem e elevando todo o gênero humano a um estado que havia sido designado por Deus desde toda eternidade. A plenificação garantida por Cristo é atingida com a ressurreição, por isso o Apóstolo afirma que “semeado corpo animal, ressuscita corpo espiritual. Se há um corpo animal, também há um espiritual. Como está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente (Gn 2,7); o segundo Adão é espírito vivificante” (I Cor 15, 44-45).

Em Jesus toda História está orientada a sua realização. Portanto, o Verbo de Deus, pelo qual toda a Criação foi feita, é também a sua consumação. Ele é a intersecção entre o Tempo de Deus e o tempo cronológico, elevando o último ao nível do primeiro. Assim a Criação alcança a plenitude.⁸⁴

Os textos da história bíblica da criação não devem ser vistos como a descrição de um ato pontual de criação ocorrido no passado, mas como o princípio e “primeiro chute” de um processo dinâmico. Desde a perspectiva humana, esse processo é experimentado e vivenciado como o curso temporal de bilhões de anos. Desde a perspectiva atemporal da eternidade de Deus, porém, ele se realiza num Agora único e atemporal.⁸⁵

Levando tudo isso em consideração, pode-se falar de uma *creatio continua*, que quer dizer, uma Criação que continua a se desenvolver no tempo. ”Dessa maneira não se entende a criação de modo mecanicista no sentido de modelo de relógio, desenvolvido por Leibniz. Ela é vista como um processo aberto do qual Deus participa continuamente”.⁸⁶

Diante dessas perspectivas, um conceito muito importante que se reinterpreta é o de “princípio”. Tal princípio não deve apenas ser considerado como um “*start*”, como o “chute inicial” que engendra todo o processo criacional. Ele deve ser entendido como a base de sustentação do processo, como a sua raiz. A esse respeito sugere o professor Blank:

A oração “No princípio, Deus criou o céu e a terra” significa em sua versão original hebraica não o desencadear de uma corrente monocausal de causas. Ao contrário, ela expressa que toda

⁸⁴ Cf. SUSIN, Luiz Carlos. **A Criação de Deus: Deus e Criação**. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003. (Livros básicos de teologia; 5), p.

⁸⁵ BLANK, Renold. **Deus e sua Criação**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 270.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 286.

a realidade empírica dos cosmos tem seu fundamento primordial, sua base sustentadora e a fundamentação última de sua existência em Deus.⁸⁷

É possível se deparar com esse entendimento na leitura de *O Silmarillion*. Com efeito, no livro Eä (o universo) e Arda (o mundo) passam por grandes transformações ao longo do tempo. Desenvolvem-se de acordo com aqueles temas da Música que já existiam antes do tempo. São exemplos dessas transformações a criação do sol e da lua após a destruição das Duas Árvores de Valinor e também a separação de Valinor da Terra-Média depois que os numenorianos tentam invadir o Continente Sagrado.

Se existe na Teologia cristã a idéia de que a Criação se orienta para um “fim”, o qual na realidade é seu “princípio”, n’*O Silmarillion* não é diferente. Também na obra tolkiniana se prever uma consumação do tempo cronológico e, embora não se fale com tanta clareza, há rumores que Eru tem o desígnio de reunir seus Filhos no final da História para que juntos executem uma “Nova Música”⁸⁸, ou, como se diz na Teologia, uma Nova Criação e já enquanto os Ainur executam a Música no princípio, a qual dá forma ao cosmo, se diz que “nunca, desde então, os Ainur fizeram uma música como aquela, embora tenha sido dito que outra ainda mais majestosa será criada diante de Ilúvatar pelos coros dos Ainur e dos Filhos de Ilúvatar, após o final dos tempos”⁸⁹.

2.3 A Criação como realidade harmônica

Por falar na Música, ela fornece ainda outro elemento capaz de promover um estreitamento com a Teologia da Criação. Trata-se de sua harmonia, de sua consonância e disposição. Como se verá, há muita relação entre a idéia de uma orquestra e as coisas criadas.

Toda música se divide em três partes principais: ritmo, melodia e harmonia. O ritmo é a alternância de tempos fortes e fracos que formam o compasso no qual melodia e harmonia vão se distribuir. Já a melodia é a alternância de notas mais ou menos intensas, com durações variadas, geralmente as melodias mais belas são aquelas que contêm maior pluralidade de notas que se integram. Por sua vez, a harmonia é a interação de sons que concordam entre si e

⁸⁷ Ibid., p.272.

⁸⁸ Cf. TOLKIEN, J.R.R.. *O Silmarillion*. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 37.

⁸⁹ Ibid., p.4.

são capazes de gerar sensação agradável a quem escuta. Para que haja música é necessário que ritmo, melodia e harmonia estejam em consonância e combinem entre si, caso contrário geram apenas ruído e desconforto aos ouvidos. Portanto, para produzir boa música, o compositor deve ordenar os tempos, os sons e volumes para transmitir seus sentimentos e sensações e fazer com que eles possam ser compreendidos e experimentados por aqueles que ouvem a sua música. Somente através de uma ordenação lógica e racional é que se transformam sons em música.

Tolkien utiliza a música como metáfora para a Criação. Também a Criação é ordenada logicamente, estruturada inteligentemente e organizada esteticamente. Essas características da Música dos Ainur são transmitidas para as coisas criadas. Se a Música é harmoniosa e ordenada a Criação também o é. Nesse sentido, portanto, pode se aplicar a Criação relatada n’*O Silmarillion* o termo *κοσμος* (cosmos), isto é, “ordem”, mas também “beleza” e “harmonia”.

Reconhece-se também tais características ao se contemplar o universo real, portanto, a Criação do Deus de Jesus. Se no livro de Tolkien a Criação se confunde com a Música, no cristianismo ela pode ser relacionada à outra categoria estética, o poema. De fato, “quando o credo cristão confessa Deus como ‘Criador’, a palavra grega utilizada é *poiêtên*, poeta”⁹⁰. Deus confere à Criação organização e harmonia altamente estéticas, semelhantes aquelas usadas pelos poetas que, arranjando as palavras, as rimas e os versos de modo harmonioso, consegue transmitir a beleza daquilo que sente em seu âmago. A Criação é expressão do Deus que a modelou e a ordenou cuidadosamente, assim como o poema é expressão do poeta e, assim como o poema diz muito a respeito do poeta, a Criação diz muito a cerca do Criador.

Santo Agostinho comenta esse atributo harmônico da Criação no seu *Comentário ao Gênesis* quando cita Sb. 11,20: “*Tudo dispuseste com medida, número e peso, nada mais significa, de acordo com o que foi possível à mente e à língua humanas, senão: Dispuseste tudo em ti*”⁹¹. Para o bispo de Hipona, não só a Criação possui ordenamento e está racionalmente disposta, mas justamente por essas características ela revela o seu Eterno Autor.

⁹⁰ SUSIN, Luiz Carlos. **A Criação de Deus: Deus e Criação**. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003. (Livros básicos de teologia; 5), p.53.

⁹¹ SANTO AGOSTINHO. **Comentário ao Gênesis**. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Patrística; 21). p. 123.

A Criação é Bela, pois é harmoniosa e se é harmoniosa é porque seu Autor é a própria Harmonia. Ele, ao dá forma e logicidade às coisas, retira da inexistência e ordena aquilo que por si só seria caótico. Seguindo no mesmo raciocínio, o douto padre ainda afirma que não existe apenas ordem nas coisas materiais, mas também naquelas que são abstratas, como as virtudes e os justos sentimentos:

Há medida também na ação; para que não seja interminável e imoderada a progressão; e há também o número com respeito aos sentimentos e virtudes do espírito, pelo qual ele passa da deformidade da ignorância para a forma e beleza da sabedoria; e há peso na vontade e no amor, nos quais se manifesta o quanto cada um deve pensar a respeito do seu apetercer do fugir, do preferir, do estimar menos.⁹²

São esses aspectos que levam com que Deus, ao contemplar a Obra de Suas Mãos, veja que tudo era bom. Era bom justamente porque refletia o Criador. E não são boas apenas de forma isolada, mas no seu conjunto se completam e compõem uma harmonia ainda maior.

Ó Deus, viste finalmente que todas as coisas que tinhas criado eram “muito boas”. Também nós as vemos, e observamos que são todas muito boas. Depois de dizeres a cada uma das espécies das tuas obras que fossem criadas, e depois de elas o serem, viste que eram boas. Conteí que sete vezes está escrito que tu julgaste boa a obra que criaste. A oitava vez foi quando, completadas todas as tuas obras, tu as julgaste não somente boas, mas ótimas, quando tomadas em conjunto. Cada uma das criaturas em particular era boa, mas tomadas em conjunto, eram muito boas. O mesmo se diz da beleza dos corpos, porque o corpo, que é composto de membros separadamente, cujo conjunto harmonioso compõe o todo, embora os membros considerados separadamente sejam belos também.⁹³

Esse é mais um tema que se faz presente n’*O Silmarillion*. Ainda na fase da contemplação da Música Ilúvatar a bondade e beleza de sua obra. Isso é o que se lê no *valaquenta*: “Agora, porém, Ilúvatar escutava, sentado, e por muito tempo aquilo lhe pareceu bom, pois na música não havia falha”⁹⁴.

2.4 A presença do ser humano na harmoniosa Criação

No auge da execução musical que origina a ordem universal surgem na Criação de Eru os Filhos de Ilúvatar, eles são os elfos e os homens, seres dotados de racionalidade,

⁹² Ibid., p. 124

⁹³ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984. p. 438.

⁹⁴ TOLKIEN, J.R.R.. *O Silmarillion*. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p.4

inteligência e vontade. Quando os próprios Ainur puderam contemplar, em visão antecipada, elfos e homens “os amaram, por serem os Filhos de Ilúvatar diferentes deles mesmos, estranhos e livres; por neles verem a mente de Ilúvatar refletida mais uma vez e aprenderem um pouco mais de sua sabedoria”⁹⁵. Queridos por Eru, seus Filhos participam da harmonia da Música e, portanto, da harmonia do cosmos. Há na obra tolkiniana a idéia de que homens e elfos, de alguma maneira, são semelhantes ao seu Criador já que fazem lembrar a “mente” Dele.

Os Filhos de Ilúvatar embora se pareçam com os Ainur pela racionalidade, inteligência e vontade se distinguem por outros aspectos. Tais aspectos não são elucidados, porém, é possível inferir que um deles seja a corporalidade. É verdade que alguns entre os Ainur, após a criação de Arda (Mundo) assumem corpos e venham habitar nela, no entanto, esses corpos são como invólucros que podem ser vestidos. Mesmo que sejam privados desses corpos os Ainur não deixam de existir e podem assumir outro corpo. Tal foi o caso de Sauron, o qual teve o corpo destruído junto com Númenor, mas pôde voltar em outra ocasião assumindo outro corpo.

Além dessa diferença que pode ser apontada, ainda há o fato de apenas elfos e homens serem chamados de “Filhos de Ilúvatar”, apesar de também os Ainur terem sido criados por Ele. Esses detalhes podem indicar que os “Filhos” ocupam lugar privilegiado em toda a Criação de Ilúvatar, constituindo como que a “cereja do bolo” ou a peça mais sublime da orquestra.

Aqui se observa mais uma profunda semelhança entre *O Silmarillion* e a Teologia cristã. Essa última considera o ser humano (criatura corpórea, dotada de racionalidade, inteligência e vontade) como a obra-prima da Criação, aquela que foi feita como imagem e semelhança de Deus e que por isso mesmo possui dignidade especial e participa singularmente da obra da Criação. Com efeito, “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: ‘Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a’ (Gn 1,27-28). No segundo relato da criação do homem presente na Bíblia se diz que o homem teve seus pulmões insuflados com o Hálito de Deus e se tornou um vivente (cf. Gn 2,7), entre todas as criaturas somente do homem se diz isso, tal realidade é indicativa da peculiaridade do homem em relação ao restante da Criação. Ainda no segundo relato da Criação se vê o ser humano dando

⁹⁵ Ibid., p.7.

nome a todas outras criaturas (Gn 2,20) e recebendo de Deus o mandado de “guardar e cultivar” a terra, participando assim do processo de Criação.

Como evidenciado o homem participa do projeto harmonioso de Deus. Não é uma nota dissonante na orquestra da Criação, mas exerce sua função na convergência das criaturas. Ele “se torna um ponto decisivo de observação e de auto-interpretação do universo”⁹⁶. Com isso se deve entender que o mandato de “submeter”, “guardar e cultivar” a Criação dado ao homem não se trata de um domínio absoluto e irresponsável. Nesse sentido afirma o papa Francisco:

Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada. Isto permite responder a uma acusação lançada contra o pensamento judaico-cristão: foi dito que a narração do Gênesis, que convida a “dominar” a terra (cf. Gn 1, 28), favoreceria a exploração selvagem da natureza, apresentando uma imagem do ser humano como dominador e devastador. Mas esta não é uma interpretação correta da Bíblia, como a entende a Igreja. Se é verdade que nós, cristãos, algumas vezes interpretamos de forma incorreta as Escrituras, hoje devemos decididamente rejeitar que, do fato de ser criados à imagem de Deus e do mandato de dominar a terra, se deduza um domínio absoluto sobre as outras criaturas. É importante ler os textos bíblicos no seu contexto, com uma justa hermenêutica, e lembrar que nos convidam a «cultivar e guardar» o jardim do mundo (cf. Gn 2, 15). Enquanto «cultivar» quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, “guardar” significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza. Cada comunidade pode tomar da bondade da terra aquilo de que necessita para a sua sobrevivência, mas tem também o dever de protegê-la e garantir a continuidade da sua fertilidade para as gerações futuras. Em última análise, “ao Senhor pertence a terra” (Sl 24/23, 1), a Ele pertence “a terra e tudo o que nela existe” (Dt 10, 14). Por isso, Deus proíbe-nos toda a pretensão de posse absoluta: “Nenhuma terra será vendida definitivamente, porque a terra pertence-Me, e vós sois apenas estrangeiros e meus hóspedes” (Lv 25, 23).⁹⁷

Percebe-se, levando em conta tudo o que foi visto até aqui, que o ser humano é agente integrador da Criação, foi criado à imagem e semelhança de Deus, não para se servir inconsequentemente da Criação, mas para cuidar dela e junto a ela caminhar à perfeição, encontrar o seu Princípio que é Deus. Daí decorre a responsabilidade ecológica do ser humano.

⁹⁶ SUSIN, Luiz Carlos. **A Criação de Deus**: Deus e Criação. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003. (Livros básicos de teologia; 5), p.19.

⁹⁷ **Laudato Si'**, n. 67.

2.5 A Bondade da Criação e a responsabilidade Ecológica.

“Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (Gn 1,31). Como visto a bondade e beleza da Criação reside em seu conjunto. Nesse conjunto o homem ocupa espaço privilegiado e integrador, portanto, faz parte da bondade e beleza da Criação.

O ser humano é partícipe da Criação não apenas por também ter sido criado, mas principalmente pela sua responsabilidade em defendê-la, cultivá-la e junto dela alcançar transformação definitiva no final dos tempos. Nisso se desdobra a responsabilidade ecológica do homem frente à Criação tão pertinente nos dias atuais. De fato, vindo de diversos setores da sociedade humana, há um crescente e insistente clamor que chama a atenção para as condições vigentes da “Casa Comum” da Criação. Trata-se de uma preocupação para com a terra que aponta para uma nova consciência e integração ecológica.

Sendo degradante, o atual modo com o qual o ser humano se relaciona com a Criação deve ser abandonado. Um novo paradigma deve ser assumido pela humanidade, o da ecologia. “A ecologia como paradigma significa uma nova forma de organizar o conjunto das relações dos seres humanos entre si e com a natureza”⁹⁸.

Na atualidade uma das vozes mais atuantes é a do papa Francisco que, se dirigindo de modo especial aos cristãos, convoca toda a comunidade humana a uma nova tomada de posição, a qual esteja em maior conformidade com o projeto criador de Deus:

As criaturas deste mundo não podem ser consideradas um bem sem dono: “Tudo é teu, Senhor, amigo da vida!” (Sb 11, 26). Isto gera a convicção de que nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde.⁹⁹

É preciso conscientizar as pessoas quanto a sua responsabilidade para com a harmonia da Criação. Faz-se necessário preservar aquelas bondade e beleza que Deus contemplou no conjunto de Sua Obra. Para isso o ser humano precisa se enxergar como uma “nota” no “acorde” da Criação, se perceber como a criatura responsável pelas outras, pelo seu semelhante, pelos outros seres vivos e por toda realidade que o circunda. “Para isso, resgata-se dos elementos bíblicos da criação a figura de Adão (Adam-adamá), feito de barro, na

⁹⁸DA SILVA, Maria Freire. **Trindade, criação e ecologia**. São Paulo: Paulus, 2009. (Teologia em debate), p. 219.

⁹⁹ **Laudato Si'**, n 89.

tentativa de afirmar que o destino humano está indissociavelmente ligado ao destino da Terra”

100

3. O problema do Mal

3.1 A questão do Mal como oposto à ordem da Criação

Outro grande tema que surge n’*O Silmarillion* é o tema do Mal. Esse tema está estritamente ligado ao da Criação, pois se apresenta como oposição direta ao plano de Ilúvatar de ordenar o mundo em harmonia e em conformidade com a beleza da Música. Como se verá, o Mal não possui substância, por isso a compreensão de Tolkien na obra parece inspirada no agostinianismo, ou seja, o Mal não é um ser, pelo contrário, é a ausência dele e se constitui como corrupção de um bem criado.

No primeiro momento se discorrerá como Melkor e seu secto foram atraídos pelo Mal, mergulhando cada vez mais na corrupção. Daí se fará uma comparação dessa corrupção com a idéia cristã de pecado e como ela gera um distúrbio na ordem criada e promove a deturpação dos seres. Após isso se aprofundará as conseqüências desse distúrbio, como ele concorre com a harmonia desejada por Eru, distorcendo a beleza das coisas e como isso se aproxima da compreensão que a Teologia cristã tem a respeito do mistério do Mal.

3.2 A auto-suficiência de Melkor e o Mal como corrupção do bem criado

Já no resumo feito no segundo capítulo se demonstrou quais os motivos levaram o mais poderoso dos Ainur, isto é, Melkor, a se corromper e se tornar o primeiro “Senhor do Escuro”. Agora se analisará esses motivos em comparação com o entendimento que Santo Agostinho tinha a cerca do tema.

No livro de Tolkien o Mal é introduzido no mundo pela figura de Melkor, o mais formidável dos ainur. Ele, percebendo que podia tocar uma música diferente da proposta por Eru, se enche de soberba e auto-suficiência. Seu desejo é de se tornar igual ou mesmo superior ao seu Criador. Esse desejo não é aquele de torna-se semelhante pelo estreitamento de relação e de amizade. Para usar uma categoria teológica: não se trata de tornar-se

¹⁰⁰ DA SILVA, Maria Freire. **Op.Cit.**, p.219.

semelhante pela “santificação”. Pelo contrário, Melkor deseja torna-se semelhante a Ilúvatar no que diz respeito ao poder e soberania. O que ele busca não é uma “aproximação” é a capacidade de superar, de se opor e de concorrer com aquele que lhe conferiu a existência. Melkor se corrompe, pois almeja ser um deus.

[...] Enquanto o tema se desenvolvia, no entanto, surgiu no coração de Melkor o impulso de entremear motivos da sua própria imaginação que não estavam em harmonia com o tema de Ilúvatar; com isso procurava aumentar o poder e a glória do papel a ele designado. [...] Muitas vezes, Melkor penetrara sozinho nos espaços vazios em busca da Chama Imperecível, pois ardia nele o desejo de dar a Existência a coisas por si mesmo [...]. No entanto ele não encontrou o Fogo, pois este está com Ilúvatar. [...] Ergueu-se então Ilúvatar [...]. Mas a dissonância de Melkor cresceu em tumulto e o enfrentou.¹⁰¹

O desejo da criatura em se igualar à divindade e de lhe usurpar o trono é uma tentação que se apresenta em diversas mitologias, aparece inclusive na Bíblia. Nas Sagradas Escrituras existem dois episódios célebres: a Queda do Homem e a Torre de Babel. Em ambos os relatos é a perseguição pela condição divina que conduz o ser humano à perdição sendo causa de seus males.

Enquanto ainda habitavam no Jardim do Éden, homem e mulher foram postos diante da tentação e ela pareceu irresistível assim que se apresentou como possibilidade de alcançar a divinização. “A serpente disse a mulher: ‘Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.’” (Gn 3, 4-5). Diante desse argumento Adão e sua esposa sucumbiram, pois lhes parecia boa a idéia de possuir aquilo que pertencia somente a Deus. Porém, tal atitude se configurou como o início das aflições para o gênero humano, uma vez que, por conta de sua desobediência Deus os expulsou do Jardim (cf. Gn 3,23). Segundo o professor Susin, o Mal da atitude de Adão e Eva não reside no desejo de querer ser “semelhante” a Deus, mas “no modo de realizar tal desejo, que somente será e se revelará pecado em Caim, quando ele, com força divina, ‘faz o mal’”.¹⁰²

Por sua vez, o relato da Torre de Babel demonstra uma malícia mais clara: “Disseram: ‘Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre os céus! Façamo-nos um nome e não sejamos dispersos por sobre toda a terra!’” (Gn 11, 4). Essa narrativa a princípio não parece nada demais, porém ao aprofundar o sentido dela percebe-se que ela é verdadeira

¹⁰¹ TOLKIEN, J.R.R.. **O Silmarillion**. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, pp.4-5.

¹⁰² SUSIN, Luiz Carlos. **A Criação de Deus**: Deus e Criação. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003. (Livros básicos de teologia; 5), p.132.

contradição com o desígnio divino. Seus construtores desejam a partir da torre sujeitar toda a terra sob o seu julgo e principalmente, “em vez de receber um nome, que é também um chamado, uma vocação, construir para si mesmo um nome que garanta a própria permanência”¹⁰³. Assim, os construtores da Torre são exatamente a antítese de Abrão que aceitando deixar a terra de seus ancestrais e peregrinar por uma terra desconhecida, renunciando a qualquer estabilidade, deixa-se conduzir por Deus e Dele recebe um nome novo (Abraão) e congrega em si um único povo, o qual, em oposição à confusão da babel, se compreende.

Quando se trata de categorias teológicas, a esse desejo pervertido de “divinização”, dá-se o nome de pecado. Nos casos tanto de Melkor quanto dos relatos bíblicos citados o pecado se trata de tentar se apropriar de um bem em prejuízo da ordem estabelecida por Deus. De fato, Melkor se motiva por sua imaginação criativa, mas se permite afrontar a autoridade de Ilúvatar. O anseio de assumir o lugar de Deus aparece em diversos momentos da obra de Tolkien, Melkor, que depois é chamado de Morgoth, sempre está envolvido na tentativa de construir uma nova ordem para o mundo e, como invariavelmente falha, se contenta em perturbar aquela que foi estabelecida por Ilúvatar. Há em Melkor, e nos personagens bíblicos das duas passagens apresentadas, uma vontade corrompida que o faz se corromper cada vez mais.

Sobre a idéia de vontade corrompida Santo Agostinho se debruçou. Sua tentativa era a de explicar a existência do Mal, uma vez que não aceitava a mentalidade maniqueísta, na qual, se o Bem possuía um princípio ontológico, o Mal também o possuía. Para o bispo de Hipona o Mal não possuía essência, não era um ser, mas um defeito da vontade e como que uma “fissura” no ser da coisa criada, a qual por natureza é um bem. A esse respeito o douto Padre diz:

Vi claramente que as coisas corruptíveis são boas. [...] E se não fossem boas, nada haveria a se corromper. [...] Tudo aquilo que se corrompe sofre uma diminuição de bem. Mas privadas de todo o bem, deixariam de existir. Se de fato continuassem a existir sem que pudessem corromper-se, seriam melhores, porque permaneceriam incorruptíveis. Mas haverá maior absurdo do que afirmar que as coisas se tornariam melhores perdendo todo o bem? [...] Portanto, todas as coisas, pelo fato de existirem, são boas. [...] Procurando o que era a iniquidade compreendi que ela não é uma substância existente em si, mas a perversão da vontade que [...] se volta para as criaturas inferiores; e, esvaziando-se por dentro, pavoneia-se exteriormente.¹⁰⁴

¹⁰³ Ibid., p.142.

¹⁰⁴ SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984, pp. 187-188 e 191.

Melkor não consegue criar, não consegue dá existência àquelas coisas que habitam apenas a sua imaginação. Por isso ele atrai as criaturas de Ilúvatar e as perverte e as deturpa. Isso aconteceu com um grupo de elfos aprisionados pelo Senhor do Escuro, os quais através de “lentas artes de crueldade, corrompidos e escravizados”¹⁰⁵ se transformaram nos asquerosos orcs, que não passam de imitação invejosa dos originais.

3.3 As terríveis conseqüências da corrupção para toda a Criação.

Não é só aqueles que se envolvem diretamente com a maldade que são afetados, mas toda a realidade que está a sua volta é distorcida por ela. Em *O Silmarillion* a Criação como um todo é prejudicada pela perversidade inaugurada por Melkor. O livro deixa claro que uma vez que a maldade entrou no mundo ela tem a capacidade de desequilibrá-lo e ferir todos aqueles que direta ou indiretamente estão no seu caminho.

Para deixar clara a contraposição que existe entre o plano de Ilúvatar e a iniquidade de Melkor, Tolkien usa de linguagem antitética que marca a oposição entre um e outro: a luz e as trevas, a Música e a dissonância, a misericórdia e o rancor, a fraternidade e o fratricídio. Aqueles que se deixam seduzir por Melkor ou apenas tenham dado ouvidos às suas mentiras rompem com o ordenamento primordial da Criação. Tolkien demonstra que quando é afetada pelo Mal a natureza dos seres é distorcida. Os elfos se tornam orcs, os entes (pastores de árvores) dão lugar aos terríveis trolls, as criaturas espirituais se convertem nos demoníacos balrogs. Nesse processo até a o meio ambiente perde sua beleza e se torna medonho, aquilo que é iluminado se enche de escuridão, o que era agradável aos olhos se torna insuportável de se vê, onde antes havia vida se encontra tristeza e morte.

As páginas d’*O Silmarillion* narram uma ruptura ocasionada pela pretensão de se igualar a Deus e sobrepujá-lo. Tal ruptura trás consigo severas conseqüências: o início dos assassinios e da guerra, a escravidão e a opressão, a destruição da natureza e a morte das criaturas. “Esta ruptura é o pecado. A harmonia entre o Criador, humanidade e toda a criação foi destruída por termos pretendido ocupar o lugar de Deus [...]. Este fato distorceu também a natureza do mandato de ‘dominar’ a terra (cf. Gn 1,28) e de ‘cultivar e guardar’ (cf. Gn 2,15).

¹⁰⁵ TOLKIEN, J.R.R.. *O Silmarillion*. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 49.

¹⁰⁶Essas antíteses trazem consigo uma das facetas de Tolkien: ele não era muito afeito à modernidade e a tecnologia. Em *O Senhor dos Anéis* isso aparece mais claramente, quando Tolkien opõe a indústria de Saruman contra a força da natureza representada pelos Ents.

Saruman é a personificação do corrupto século XX. É o político de duas caras, intrometido que mexe com a natureza, o poluidor e o mau cientista. [...] É derrotado pelo triunfo dos “costumes antigos”, pela magia naturalista de Gandalf e a “bondade” daqueles que trabalham com a natureza e não contra ela.¹⁰⁷

Apesar de ser mais escancarada em *O Senhor dos Anéis*, essa característica de Tolkien pode ser notada também em *O Silmarillion*. De fato, ele enfatiza que a ordem perfeita desejada por Eru é perturbada pela presunção daqueles que maldosamente se deixam guiar. Eles trazem caos para o cosmo e distorção àquilo que é simétrico.

Nesse aspecto de *O Silmarillion* parece refletir tão bem a realidade do atual mundo real, onde, em nome de interesses escusos de certos indivíduos e grupos, a ordem criada é subjugada, céus azuis se tornam cinzentos, rios cristalinos se tornam negros, florestas verdejantes dão lugar ao cimento e seres humanos são explorados por outros. Assim a criatura, movida por egoísmo e autossuficiência, pretende reordenar o cosmos ao seu bel prazer, pensa está fazendo “música”, porém produz apenas “ruídos” e “dissonância”.

4. A Salvação da Terra-média

4.1 Existe o conceito soteriológico n’O Silmarillion?

Não existe dúvida quanto ao fato de que se alguém ama deseja que seu amado se realize totalmente. Ora, “os escritos bíblicos indicam o amor de Deus ao mundo como o motivo e fundamento último de sua participação no acontecimento cósmico, uma participação que é, por assim dizer, discreta, mas mesmo assim permanente e imanente”¹⁰⁸ e ainda, pode-se dizer, decisiva. Sendo assim é de se esperar que Deus irrompa em auxílio de sua Criação, fazendo com que ela supere toda a maldade, contradição e caducidade que está em seu âmago e a leve à realização, em outras palavras, espera-se que Deus salve a Criação.

¹⁰⁶ **Laudato Si’**, n 66.

¹⁰⁷ WHITE, Michael. **Tolkien**: uma biografia. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002, pp. 218-219.

¹⁰⁸ BLANK, Renold. **Deus e sua Criação**. São Paulo: Paulus, 2013. pp.309-310

A tradição cristã apresenta a salvação de maneira inequívoca: ela se concretizou na pessoa de Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, que foi entregue ao mundo como sinal inconfundível do Amor Divino (cf. Jo 3,16). Como já adiantado quando se tratou do caráter escatológico da Criação, Jesus é o Novo Adão que inaugura a Nova Criação e faz nova todas as coisas (cf. Ap 21,5). “Em Jesus Cristo, o mundo visível, criado por Deus para o homem [...] readquire novamente o vínculo originário com a mesma fonte divina de Sabedoria e do Amor”¹⁰⁹ Todas as Escrituras apontam antecipadamente o acontecimento salvífico realizado em Jesus. E quanto ao livro de Tolkien, o conceito de salvação está presente nele?

Se há possibilidade de se falar de Salvação n’*O Silmarillion* ela reside em três elementos principais que se encontram ao longo do livro: a Providência de Ilúvatar, a Compaixão dos Valar e a Última Aliança contra Sauron. Esses três elementos compõem aquilo que mais se aproxima de um desígnio salvífico na obra tolkiniana, como se verá abaixo.

4.2 A Providência de Eru na condução de Arda (o mundo)

Um tema cristão claramente presente em todo o desenrolar da narrativa tolkiniana é o da providência. A teologia sistemática cristã define a providência [...] como a ação divina que conduz a história (o que evidentemente inclui as ações humanas, mesmo com seus erros) até o cumprimento dos seus propósitos de amor e justiça.¹¹⁰

A Providência de Eru pode ser percebida de antemão ainda enquanto é executada a Música no início dos tempos. Ele observa enquanto Melkor tenta perverter a harmonia com o tema musical estranho e em resposta a dissonância elabora outras duas temas músicas, a última “vasta e bela, mas lenta e mesclada a uma tristeza incomensurável, na qual sua beleza tivera principalmente origem”¹¹¹ e é justamente desse terceiro tema musical desenvolvido em resposta a Melkor que surgem os Filhos de Ilúvatar¹¹². Compreende-se que a providência de Eru é a sua capacidade de usar os eventos casuais para levar a cabo os seus desígnios.

Essa capacidade se observa com maior precisão em *O Senhor dos Anéis* quando Gollum rouba o Um Anel de Frodo e se precipita no lago de fogo da Montanha da Perdição e

¹⁰⁹ **Redemptor Hominis**, n 8.

¹¹⁰ CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. **O Evangelho da Terra-Média**: leituras teológico-literárias da obra de J.R.R. Tolkien. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011, pp.65-66.

¹¹¹ TOLKIEN, J.R.R.. **O Silmarillion**. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 5.

¹¹² *Ibid.*, p. 7.

assim acaba por concluir a missão que era de Frodo, mas que esse último, por hesitação, foi incapaz de concluir. Tal evento só foi possível porque o próprio Frodo e, décadas antes, seu tio, Bilbo, tiveram compaixão de Gollum e decidiram não matá-lo quando houve a oportunidade. Essa compaixão a *priori* pareceu absurda, mas se mostrou “providencial” no momento adequado. N’A *Sociedade do Anel* Gandalf fala para Frodo que existe uma Força conduzindo a história enquanto explicava o porquê do Um Anel ter chegado ao pequeno hobbit: “Por trás disso havia algo mais em ação, além de qualquer desígnio de quem fez o Anel. Não posso dizer de modo mais direto: Bilbo estava *designado* a encontrar o Anel, e *não* por quem o fez. Nesse caso você também estava *designado* a possuí-lo”¹¹³. O próprio Tolkien comenta esse evento em uma de suas cartas, dizendo que Frodo foi instrumento da Providência e que ao final seu exercício de paciência, compaixão e humildade para com Gollum lhe valeram a redenção no momento de fracasso¹¹⁴. Aqui “aparece com clareza cristalina a convicção de Tolkien quanto ao fato de a providência divina guiar os eventos humanos, além de, ao mesmo tempo, ser poderosa o suficiente para reparar os defeitos e as fraquezas dos homens”¹¹⁵.

Se o conceito de Providência é explícito na primeira parte de *O Senhor dos Anéis*, ele, como visto, também aparece n’*O Silmarillion*. Por exemplo: Eärendil se torna navegante após a destruição de Gondolin e com seu barco se dirige para Valinor buscando o favor dos Valar, o sucesso de sua missão parece improvável, contudo ele atinge o objetivo. Outro exemplo é o de Isildur, um dos poucos sobreviventes de Númenor, no momento decisivo da Batalha da Última Aliança ele, usando o fragmento de uma espada, arranca o Um Anel de Sauron, derrotando assim o segundo Senhor do Escuro, desencadeando os eventos que seguiriam no decorrer do *legendarium*, os quais só iriam se resolver definitivamente em *O Retorno do Rei*.

Além disso, se tem a ocorrência, por diversas vezes, da expressão “desígnio”, como algo que já havia sido planejado por Ilúvatar desde o princípio. De fato, a história conta com eventos casuais que vão ganhando sentido e se entrelaçando conforme se desenvolvem. Eventos que antes pareciam aleatórios vão se sucedendo até culminar com a derrocada de Morgoth e depois com a derrota de Sauron.

¹¹³ TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis*: a Sociedade do Anel. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 57.

¹¹⁴ Cf. TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). *As cartas de J.R.R. Tolkien*. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006, p. 310.

¹¹⁵ CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. *O Evangelho da Terra-Média*: leituras teológico-literárias da obra de J.R.R. Tolkien. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011, p.34.

4.3 A compaixão dos Valar

Por duas vezes os Valar vieram em socorro dos Filhos de Ilúvatar, em ambas foram motivados pela empatia para com elfos, homens e as demais criaturas. Ao tomarem conhecimento dos infortúnios dos Filhos de Ilúvatar, os Valar se encheram de compaixão, isso porque desde o primeiro instante eles os amaram. Portanto, para livrar a criação de Eru da perversidade de Melkor, os habitantes de Valinor deixaram seus palácios e se dirigiram à Terra-Média.

A primeira vez que Valinor enfrentou Morgoth foi logo após o surgimento dos elfos. Oromë, um dos Valar, preocupado com a situação dos Primogênitos convence seus irmãos a combater o Senhor do Escuro. Além de derrotá-lo, os Valar levam boa parte dos elfos consigo a fim de protegê-los e dar lhes uma vida melhor.

Quando Eärendil arriscou a vida para com seu barco chegar até Valinor e implorar por ajuda, foi atendido pelos Senhores do Oeste que partiram uma segunda vez para guerrear contra Morgoth. É interessante notar que, além de alcançar o objetivo, o sacrifício de Eärendil foi recompensado e glorificado, pois ele obteve permissão para navegar pelos “Oceanos do Firmamento” e sendo visto de lá era confundido com uma estrela, pois portava consigo uma das Silmarils¹¹⁶.

A compaixão é um dos atributos mais marcantes de Deus. Com efeito, o Deus da Bíblia é um Deus que sempre socorre o ser humano, que tem por ele empatia e mesmo sem poder ser retribuído sempre o favorece. É assim na libertação do Egito: “Eu vi. Eu vi a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso descí a fim de libertá-lo da mão dos egípcios” (Ex 3, 7-8) e prosseguindo na mesma passagem Ele promete conduzir o Povo para uma terra abençoada (como os Valar fizeram aos elfos): “Para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel” (Ex 3, 8). O Deus dos hebreus e depois dos cristãos é o Deus que se compadece do fraco e lhe faz justiça: “Eu habito em lugar alto e santo, mas estou junto com o humilhado e desamparado” (Is 57,15).

Não é diretamente Ilúvatar que vem para pelear contra as forças opressoras do Mal no livro, porém os Valar representam a força cósmica de seu Criador. Ademais, não se pode

¹¹⁶ TOLKIEN, J.R.R.. *O Silmarillion*. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 318.

dizer que ele esteja assistindo passivamente o sofrimento de seus Filhos, uma vez, que sua providência age na história.

4.4 A Última Aliança

O terceiro aspecto a ser analisado quanto ao conceito de salvação em *O Silmarillion* é o da “aliança”. É a aliança feita, principalmente entre homens e elfos, que tem por objetivo solapar definitivamente o Mal que ameaça a Terra-média. Não se trata mais de um combate contra Morgoth, o qual foi derrotado pelos Senhores do Oeste. Aqui existe uma grande metáfora dos poderes autoritários do mundo, os quais foram tão bem conhecidos pelo autor. A luta agora é contra Sauron, sucessor de Morgoth e novo Senhor do Escuro. É interessante observar que, embora o Mal tenha sido aparentemente sobrepujado, a sua estrutura permanece, permitindo que um novo déspota ascenda ao poder.

Diante do cenário de perigo iminente representado pela ascensão de Sauron os Filhos de Ilúvatar se unem naquela que é chamada de a *Última Aliança*.¹¹⁷

Para a tradição judaico-cristã o conceito de Aliança é profundamente importante. É a Aliança com Deus que caracteriza tanto o Povo de Israel quanto a Igreja cristã. Ser fiel a Aliança garante estabilidade do grupo: “Andareis em todo o caminho que Iahweh vosso Deus vos ordenou, para que assim vivais, sendo felizes e prolongados os vossos dias na terra que ides conquistar” (Dt 5,33). A manutenção da Aliança leva ao triunfo e à realização das promessas (Cf. Js 1,7). No entanto, o desprezo pela Aliança acarreta a derrota, a perda de identidade e a desintegração do Povo (Cf. Is 30, 8-17). A importância da Aliança para o Povo está contida em toda a atividade profética do Israel. Já no Novo Testamento Jesus Cristo renova, com seu sacrifício, a Aliança de modo perene (Cf. Mt 26,28).

Majoritariamente o conceito de Aliança se refere ao pacto bilateral entre Deus e o grupo humano. Nesse pacto a divindade confere proteção e salvação ao povo, enquanto esse último lhe presta o culto e a fidelidade. Há um vestígio desse conceito no episódio de Númenor, no qual aqueles que se mantêm “Fiéis” (assim são denominados) não participam do ato idolátrico encabeçado por Al Pharazon. Em decorrência dessa fidelidade sobrevivem à destruição da ilha.

¹¹⁷ Ibid., p. 374.

Embora a Aliança seja primeiramente marcada pela relação entre Deus e homem, ela tem também o desdobramento na relação entre os seus adeptos. A Aliança com Deus exige de Israel (depois da Igreja) também uma aliança entre os seus membros, por isso diz o Levítico: “Amarás o teu próximo como a si mesmo”. Essa dupla relação, Deus/homem e homem/homem, configura o Povo e lhe dá um propósito e uma razão de ser.

A Última Aliança, por sua vez, não é explicitamente uma aliança entre Ilúvatar e seus Filhos, mas somente entre elfos e homens. Elfos e homens, que já possuem um elo entre si, são Filhos de Ilúvatar, se unem com o mesmo propósito: combater a opressão de Sauron. Se antes eles lutavam isoladamente e quase sempre fracassavam, pela aliança suas esperanças aumentam. Tal processo se assemelha aquele relatado nos dois livros dos Macabeus, no qual os judeus, unidos pela Aliança, se insurgem contra a tirania de Antíoco IV. Na Bíblia não existe salvação sem Aliança, assim também acontece n’*O Silmarillion*, onde é quase impossível enfrentar o Senhor do Escuro sem que haja união.

Contudo, não é só com a força da aliança que elfos, homens e seus aliados conseguem desbaratar Sauron e suas hostes. No momento crucial, quando as esperanças havia quase se dissipado, um fato providencial muda os rumos da guerra: Isildur, manejando os fragmentos da espada de seu pai, atinge Sauron no dedo, arrancando o Um Anel que lhe garantia poder. Como todo ídolo ou poder totalitário, Sauron possuía um ponto fraco, um “pé de barro” (Cf. Dn 2,33) que representa sua ruína.

Esse episódio ilustra bem que toda vez que determinado grupo se levanta para lutar contra um poder tirânico e opressor, Deus toma parte dessa luta e age nas causas segundas para eliminar todo despotismo, fazer justiça e promover a libertação.

Faz-se mister, contudo, lembrar que Sauron retorna nos livros subseqüentes, ele tenta reaver suas forças através dos elementos de sua obra que ainda permanecem na Terra-média. Sua presença só é totalmente extirpada quando, em *O Senhor dos Anéis*, outra aliança se forma, *A Sociedade do Anel*, e através de um pequeno, e improvável, hobbit o Um Anel é destruído. Ademais, é importante não perder de vista que a obra contém uma idéia escatológica, a Segunda Música, na qual, aí sim, a “salvação” acontece definitivamente.

Conclusão:

Após o percurso que se apresentou neste trabalho foi possível visualizar as semelhanças entre *O Silmarillion* e temas da Teologia cristã. A partir dessas semelhanças fez-se a análise que se propôs no início. Essas semelhanças, ainda que não tenham sido propositalmente forjadas, transmitem ao leitor elementos da Fé professada pelo seu autor e que davam a sua vida certo sentido. Assim, também em *O Silmarillion* se observa que a Literatura “pode ser veículo de transmissão da verdade [...], se trata aqui não da transmissão de um conhecimento científico, mas sim da transmissão do sentido da vida”¹¹⁸. Ora, o cristianismo dava a Tolkien sentido para sua existência, tal fato é explicitamente traduzido em diversas de suas cartas, e mesmo que de maneira implícita dá também sentido a sua obra. A paixão que Tolkien tinha por seu Deus foi transmitida também na obra que apaixonadamente ele produziu. Também esse foi um dos fatores que tornou possível o estreitamento pretendido entre Teologia e a literatura tolkiniana, pois a paixão é um dos elementos que as aproxima. Ora, “a paixão pelo humano da Literatura encontra eco na Teologia pela paixão por um Deus que se fez humano em Jesus Cristo”¹¹⁹

Deus, de algum modo, se revela no livro de J.R.R. Tolkien. A divindade apresentada por Tolkien n’*O Silmarillion* possui diversas características comuns ao Deus de Jesus Cristo. Assim como o Deus cristão, Ilúvatar é único e detentor de soberania universal, Ele porta em sua mente todo o destino do cosmo não existindo outro ser igual a Ele.

O mesmo se pode dizer da paternidade, outro elemento que faz de Ilúvatar um reflexo de Deus na obra tolkiniana. Não bastou criar elfos e homens, Ilúvatar os tratava como filhos. Assim também é o caso de Deus que em Jesus Cristo congrega, através do batismo, os seres humanos como uma única família e dá a eles dignidade de filhos.

Outra semelhança importante, a mais evidente delas, é que Ilúvatar, assim como Iahweh, é Criador do céu e da terra. Ambos dão existência ao cosmos e o sustenta em estética e harmonia. Tanto na compreensão cristã quanto em *O Silmarillion* a Criação é um processo iniciado e querido por Deus e que caminha sempre em busca de um aperfeiçoamento que culminará no encontro definitivo com seu Criador.

¹¹⁸ MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura**: Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994, p. 23.

¹¹⁹ BOAS, Alex Villas. **Teologia e poesia**: a busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico. Sorocaba: Crearte, 2011, p. 26.

Tolkien ao que parece tinha tendência agostiniana no que se refere à compreensão do problema do Mal, por isso apresenta-o não como detentor de essência, mas justamente como a ausência dela. O Mal, na obra de Tolkien e nas Confissões de Santo Agostinho, não é um ser. É, pelo contrário, uma corrupção dos seres, trata-se de um distúrbio na ordem estabelecida pelo Criador, trata-se de uma tentação que se apresenta aos seres criados para que esses não sejam e, de algum modo, deixem de existir, ao menos deixem de existir em conformidade com o desígnio criador.

Mas Tolkien, como bom cristão, tem esperança e produz a sua obra de maneira que ela seja transparente. Se o Mal se apresenta como um desafio assustador em *O Silmarillion* e se os ardis de Melkor e Sauron parecem sofisticados e invencíveis, eles não têm a última palavra. Ilúvatar, agindo pela sua Providência e usando as mais variadas, improváveis e imperfeitas mediações, vem ao auxílio da Criação e a salva. Assim Tolkien traz para sua obra a manifestação mais perfeita da esperança cristã, isto é, a Salvação. Dessa maneira o Deus de *O Silmarillion* (que já se assemelhava ao Deus de Jesus Cristo por ser único, criador e pai) é apresentado também como Salvador.

Para concluir leve-se em conta que o todo o conjunto da obra de Tolkien possui milhões de leitores em volta do mundo, seus fãs se contam entre as mais variadas classes sociais, culturais, etárias, étnicas, lingüísticas. Os livros de Tolkien possuem muitos apreciadores católicos e não-católicos, cristãos e não-cristãos, crentes e não-crentes. Portanto, considere-se que, mesmo que de maneira subjacente, *O Silmarillion* pode transmitir os valores cristãos que estão incrustados sutilmente em seu conteúdo e que, se a Literatura pode afetar os seus leitores, esses valores podem afetar aqueles que deles se aproximam. Em outras palavras: a literatura fantástica de *O Silmarillion* pode carregar em si as “Sementes do Verbo” e fazê-las germinar na Terra-Boa dos corações humanos conforme o Espírito Santo assim fizer possível.

Bibliografia:

ARTUSO, Vicente. *A Teoria documentária do Pentateuco: aplicação e limites na análise de Nm 16-17*. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, n. 41, p. 279-300, maio a agosto/2012.

BENTO XVI. *Entrevista com o Santo Padre durante o vôo rumo ao Reino Unido*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20100916_interv-regno-unito.html. Acessado em: 31/01/2017, às 21h33.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BLANK, Renold. *Deus e sua Criação: Doutrina de Deus, doutrina da criação*. São Paulo: Paulus, 2013.

BOAS, Alex Villas. *Teologia e poesia: a busca de sentido em meio às paixões em Carlos Drummond de Andrade como possibilidade de um pensamento poético teológico*. Sorocaba: Create, 2011.

CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. *O Evangelho da Terra-Média: leituras teológico-literárias da obra de J.R.R. Tolkien*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DA SILVA, Maria Freire. *Trindade, criação e ecologia*. São Paulo: Paulus, 2009. (Teologia em debate).

DIAS DA SILVA, Cássio Murilo. *Leia a Bíblia como literatura*. Loyola: São Paulo, 2007. (Ferramentas bíblicas)

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FRANCISCO. *Laudato si'*. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRITSCH, Valter Henrique. *Atravessando limiares: simbologia de passagem no romance de fantasia*. Recorte, Três Corações, v.11, nº 1, jan-jun. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/issue/view/64>>. Acesso em: 08 ago 2017.

GANDRA FILHO, Ives Gandra. *O mundo do Senhor dos Anéis: Vida e Obra de J.R.R. Tolkien*. São Paulo: Mandras, 2002.

HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Cultrix, 2006

JOÃO PAULO II. *Redemptor hominis*. 11ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

JUNG, C.,G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 11ª edição. Petrópolis: Vozes,2014.

KLAUTAU, Diego. O estudo de J.R.R. Tolkien do poema “*Sir Gawain and the Green Knight*”. *Ciberteologia: Revista de Teologia & cultura*, São Paulo, Ano X, n. 48, p. 03—31, out./Nov./dez. 2014.

LEWIS, C.S. *Cartas de um diabo a seu aprendiz*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LEWIS, C.S.. *As Crônicas de Nárnia: Volume único*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LORETZ, Oswald. *Criação e mito: homem e mundo segundo os capítulos iniciais do Gênesis*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979. (Estudos bíblicos).

MANZATTO, Antônio. *Teologia e Literatura: Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.

MARIANI, Ceci Baptista; VILHENA, Maria Angela (Orgs.). *Teologia e Arte: expressões de transcendência, caminhos de renovação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. Edições 70. Lisboa: Edições 70, 1992.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY. Disponível em: <<http://www.oed.com/>>; acessado em: 07 mar. 2017, às 09h52.

PADRES APOSTÓLICOS. São Paulo: Paulus,1995. (Patrística),

Padres Apostólicos. São Paulo: Paulus,1995. (Patrística).

PITASSI, Luiza Helena Urso. *Bartonella spp. e o risco potencial de transmissão por transfusão sanguínea*. 2013. 178 p.. Tese (Doutorado em clínica médica) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Coimbra: CECH, 2011. (Autores Gregos e Latinos

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório*. 6ª edição. São Paulo: Loyola, 2012.

RÉROLLE, Raphaëlle. *Tolkien, l'anneau de la discorde*. *Le Monde*, 05 jul 2012. Disponível em: http://www.lemonde.fr/culture/article/2012/07/05/tolkien-l-anneau-de-la-discorde_1729858_3246.html; acessado em 27/02/2017, às 22h26.

RUFO, Aline Duarte. *Melkor, o inimigo do mundo : a constituição do vilão em o Silmarillion de J. R. R. Tolkien*. 2016. 112 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade federal de São Carlos, São Carlos. 2016.

SANTO AGOSTINHO. *Comentário ao Gênesis*. São Paulo: Paulus, 2005. (Coleção Patrística; 21).

_____. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.

STRATHERN, Paul. *Heidegger (1889-1976) em 90 minutos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

SUSIN, Luiz Carlos. *A Criação de Deus: Deus e Criação*. São Paulo: Paulinas; Valencia, ESP: Siquem, 2003. (Livros básicos de teologia; 5).

TOLKIEN, Christopher; CARPENTER, Humphrey (Org.). *As cartas de J.R.R. Tolkien*. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006.

TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *O Silmarillion*. 5ª Ed. Martins Fontes, São Paulo: 2011.

_____. *Roverandon*. 2ª Ed. Martins Fontes: São Paulo, 2014.

VAZ, Armindo dos Santos. *No princípio da Bíblia está o mito: A espiritualidade dos mitos de criação*. *Didaskalia, Revista da Faculdade de Teologia*. Lisboa, n. XXXVII, Fascículo I, p. 45—79, 2007.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *As Guerras Mundiais (1914-1945)*. Leitura XXI: Porto Alegre, 2003.

WHITE, Michael. *Tolkien: uma biografia*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2002.

WOODHEAD, Henry (Dir.). *História em revista*. Tradução de Pedro Paulo Poppovic Consultores. V.7. Rio de Janeiro: Abril: Time Life, 1991.